

PARA TODOS...



ANO XIII — NUM. 660

Rio de Janeiro, 8
de Agosto de 1931

PREÇO: 15000



AS TINTAS PARA CABELOS E AL- GUNS CONSELHOS POR A. DORET

Harias são as tintas para cabelos que satis-
fazem quem as emprega. Nem sempre são in-
sensíveis.

Outra tintura fica esverdeada no fim de pou-
cos dias, tal outra torna no cabelo a cor de vi-
nho tinto, instante desagradável aos olhos; esta
é preta demais, resaca o cabelo, alisa o que é
ondulado, faz mais velha a pessoa que a emprega,
da & fisicamente um ar severo e triste ao mes-
mo tempo.

Trinta anos de experiência, de estudos, de apli-
cação deram-me uma certa autoridade para falar
nisto.

Nenhuma casa de cabeleireiro, em qualquer
país que fosse, quer na Europa ou na América,
atingiu o grau de perfeição ao da casa Doret.
Tenho no meu estabelecimento clientes de todas as
nacionalidades que atestariam a superioridade de

meus métodos de tingir os cabelos, garantindo a inocuidade absoluta de meus produtos. As pessoas que não pos-
sam vir ao meu estabelecimento, às pessoas longe do Rio de Janeiro, recomendo nunca tingirem os cabelos de pre-
to: é melhor acostuma-las que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais fácil, mais hi-
giênico.

Recomenda a todos a flúida Doret para acastanhar ou alourar o cabelo, este produto é dez vezes menos forte
que a água oxigenada, não queima os cabelos e é um excelente desinfetante.

Para recoloração do cabelo engraiado o meu Henné pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a
10 minutos de aplicação, para o bronzeado 1/2 hora, para acajón escuro, uma hora e meia.

As pessoas que quiserem escurecer os cabelos para castanho escuro devem empregar o Tônico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom êxito.

A Casa A. Doret recomenda suas manicures, seus produtos incomparáveis para a beleza da pele e cabe-
los, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabeleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas.

Ondulação permanente, Marcel, Misempris, Soins de Beauté.

A. DORET cabeleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telefone 2-2431 — Rio de Janeiro



Crème Simon



Uma massagem com o Creme Simon é
tão agradável para o rosto como uma
carícia. Não seca nem engordura, e pela
sua perfeita untuosidade que penetra
nos poros da pele.

O CREME SIMON

vivifica a epiderme, amacia-a e faz
realçar o seu brilho natural.

MODO DE USAR. — Espalhai-o sobre a
pele ainda húmida, depois da toilette.
Fazei-o penetrar nos poros por meio de
uma leve massagem, secando-o depois
com uma toalha. Ele tornará
mais aderente o vosso pó...

o PÓ SIMON

PARIS

O nome MI-A-MI e a sua significativa expressão...

O nome é tudo.

Desde o homem ao mais insignificante animalinho elle
tem um poder irresistível e, embora o seu convencionalis-
mo, ninguém discute os efeitos de um bonito, bom, mau,
apropriado ou sem nenhuma particularidade especial.

Por isso, quando se trata de lançar um producto, a
questão do nome é bem mais difficil do que o que se des-
tina a um filho ou a qualquer ente querido.

Dentro d'elle, como de um escriptorio inviolavel, chega-
ram até nós as múmias egypcias dos Pharaós, os heróes
mais famosos bem como os santos, os illuminados e as mu-
lheres seductoras que embriagavam mais do que o vinho
matavam mais do que o curaré e a cicuta.

Quando se cogita então, de uma mulher coquette,
cheia dessa graça a que os americanos chamam it e o fran-
cez traduz deliciosamente em "charme", ou de um artigo
para seu uso, tanto mais difficil encontrar uma expressão
feliz que diga tudo numa unica palavra.

Por isso, os nomes dos perfumes como dos productos
de belleza ou de todos quantos a arte criou para delicia
de Eva, são escolhidos com especial carinho.

Esta neste caso o nome MI-A-MI, palavra symbolica
de amor que quer dizer na lingua musical de D'Annunzio,
ama-me e que, pela sua propriedade natural, se enquadrou
admiravelmente para designar a marca dos mais atra-
hentes e reputados artigos da nossa perfumaria.

Guarda, pois, este nome com o amor que elle merece
e de que se acha saturado, porquanto representa o maior
esforço até hoje tentado em nossa terra, affim de libertar
daquillo que para as mulheres constitue, conjunctamente
com as joias, o divino alimento de sua seducção e de seu
encanto.

PARA TODOS...

A Excursão da Caloric a Petropolis



A caravana na Estrada



Grupo tirado na Independência

A União Beneficente dos Chauffeurs do Rio de Janeiro, por sua diretoria e a União dos Garagistas, representada pelo engenheiro Mathews de Souza Mendes, seu vice-presidente e cerca de cem comerciantes do ramo foram a Petropolis, a convite da The Caloric Company, almoçar na Independência.

A excursão tinha por fim fazer-se uma experiência da gasolina que a Caloric vem expondo à venda, com a qual foram cheios os tan-



W. Cosmelli, cercado dos presidentes da União Beneficente dos Chauffeurs e da União dos Garagistas.

ques dos automoveis que transportaram os excursionistas, em número de quarenta. Foi um passeio ma-

gnífico, que transcorreu no meio da maior cordialidade possível, regressando os excursionistas já à noite ao

Rio de Janeiro.

Na gravura que ilustra esta nota vê-se a extensa caravana, em um momento de descanso, ao subir a serra, o grupo dos convidados no Restaurante da Independência e outro grupo em que figura o Sr. W. Cosmelli, gerente de vendas da Caloric no Rio, ladeado pelos srs. presidente da União Beneficente dos Chauffeurs e Mathews de Souza Mendes, presidente da União dos Garagistas.

Moda e Bordado

NÚMERO DE AGOSTO À VENDA

**EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA-LONDON"**

**E' o Mais Caro, Mas E' de Toda Confiança
FUNCIONAMENTO GARANTIDO**

Concurso de Contos do PARA TODOS...

O Concurso de Contos do "Para todos..." será encerrado no dia 29 do corrente definitivamente. Depois dessa data não mais receberemos qualquer original.

A BAÍA QUE RENASCE

Como o Prefeito Pimenta da Cunha tem administrado a velha capital baiana



1 — O Prefeito Pimenta da Cunha lendo o seu brilhante discurso. 2 — Após a inauguração das novas instalações da Diretoria de Contabilidade da Prefeitura da Baía: O Interventor Arthur Neiva, o Prefeito Pimenta da Cunha, o Chefe de Polícia Cap. Euripedes Lima e outras autoridades.

Realizou-se, às dez horas de hontem, na Prefeitura Municipal, a inauguração dos melhoramentos que ha feito ali o atual governo da cidade.

A' hora acima, chegava áquêle edificio, onde já se encontrava grande número de pessoas gradas, jornalistas e demais assistentes, o Exmo. Sr. Interventor Federal, Dr. Arthur Neiva, acompanhado do Dr. Arthur Heil Neiva, e do Tenente Oscar José de Sá, respectivamente Chefe da Casa Civil e Ajudante de Ordens de S. Ex.; do Dr. Bernardino de Souza, Secretário do Interior; Capitão Euripedes Lima, Secretário da Polícia, sendo-lhes prestadas por uma Companhia do Corpo de Bombeiros as continências de estilo.

Recebidos á entrada pelo Prefeito Dr. Pimenta da Cunha, Dr. Thyrso Paiva, Dr. Moreira Fischer e demais funcionarios do município SS. EEx., demoraram-se percorrendo as novas dependências restauradas, levando de tudo a melhor das impressões.

Inaugurando os novos departamentos, falou o Dr. Pimenta da Cunha, para cujo discurso, que é uma síntese de sua administração na gerência dos negócios da comuna, abrimos espaços:

Exmo. Sr. Interventor Federal.

Ha cinco meses, ao me empossar no cargo de Prefeito d'êste Município, tive ocasião de dizer, em conceito que importava num programa: — "De S. Paulo atendeu V. Ex., como baiano e patriota, ao apelo de servir a sua terra natal, berço seu e dos seus, em momento tão difficil. Não dirá, aqui chegando, que o seu nobre exemplo não foi imitado por um outro, aqui também nascido, em berço igualmente de seus pais".

E, desde aquêle momento alistel-me qual "mais um operario, modesto porém resolutu, a carregar a sua pedra para a obra prometida de restauração da Baía, terra nossa tão querida".

Cumpri, naquela época, o dever de, citando cifras informar ser: "a situação mais grave do que á primeira vista se apresenta e, na falencia que assim se depára á nossa velha e querida cidade, os seus munícipes, Sr. Interventor, esperam a atenção carinhosa de V. Ex."

Quanto a mim, desde então, considerel o título de "prefeito" um eufemismo do de "síndico". E, ao cuidar da massa falida, no trato feliz com V. Ex., ouço sempre estas palavras de nobre animação: — "Trabalhemos pela Baía... Nada resiste ao trabalho!..."

E a trabalhar tenho estado, desde então, quanto posso...

Senhores Munícipes.

Eu vos disse, no dia de minha posse, que: "já vos acostumastes a considerar insolúvel o problema do Município desta cidade. E' que, em vossa sabedoria, talvez tenhais percebido, nas coisas da Prefeitura e nas suas relações com as do Estado, que nos deslocâmos e debatemos nos mesmos paradoxos e círculos viciosos, aludidos nos "Problemas nacionais", e também no "estarrapado", que tem de vir em socorro do "rôto", igualmente ali referido... Se as necessidades públicas crescem, em desproporção á sua renda, qual o modo de sair d'êste círculo vicioso, por processo comum, imediato, como a nossa ansiedade deseja, para solução dos seus problemas?... Como deixar estes paradoxos?... Como viver o "estarrapado" sem o concurso do "rôto"?!"

Impossível se me afigurou o aumento de impostos: mas, paraceram-me exequíveis uma melhor arrecadação e a efetivação de velhos tributos não cobrados.

E' o que tenho feito por um lado, ao tempo em que também já reduzi de 10% os impostos industriais e profissionais; já concedi, várias vezes, bonificações e dispensas de multas para ou-

tros impostos e interrompi até, durante prazo razoavel, certos impostos e taxas, rebaixando-os depois á metade, durante 60 dias.

Não demiti funcionarios; não admiti afeições.

Só Deus sabe, entretanto, quanto me tem custado resistir á solicitação de empregos numa época de tamanhas vicissitudes! Nêste particular, quantas supplicas justas e quantas aflições sinceras tenho compungidamente escutado e ainda mais dolorosamente desatendido?!...

E' que eu sei avallar, Srs. Munícipes, quanto vos custam também, no momento atual, as contribuições que trazeis aos cofres desta Casa!...

Prestando-vos contas, nesta Secção de Contabilidade, direi que o vosso dinheiro vos está sendo restituído, moeda a moeda, em beneficios á Cidade, contando-se hoje 110 obras em andamento e conclusão.

Com os vossos recursos já paguel: — aos credores de obras realizadas 2.150.458\$000, sendo do exercicio passado — 1.449.724\$000, do exercicio atual — 700.734\$000, ao professorado em atraso — 622.257\$000, á Santa Casa de Misericórdia, Montepio e outras instituições pias e de caridade — 240.832\$000, ao Estado — 200.000\$000.

Resgatel ainda: — de apolices e outros titulos de dívida interna — 489.248\$000 e saques igualmente vendidos, 212.161\$000.

Ao funcionalismo público, aos diaristas, bombeiros, limpeza publica, jardineiros, magarefes, etc., pagos absolutamente em dia, uma mensalmente, outros quinzenalmente — 3.395.165\$721.

Ao todo, em resumo, no periodo de cinco meses, já paguel 7.310.121\$721.

Com as vossas contribuições, cuja rigorosa e exata applicação está ao vosso exame e aos vossos olhos: — já inaugurei, em 29 do mês passado, varios melhoramentos no quartel do Corpo de Bombeiros, além de enco-

mendas de materiais ao estrangeiro, feitas e pagas antecipadamente; — já realizei consideráveis benfeitorias no Matadouro do Retiro, do que resultou já estar a firma Amado Bahia & Cia., a maior abastecedora de carne verde, abatendo gado ali para melhor consumo da cidade, coisa que, há mais de 35 anos, fazia em outro município; — já efetuei os trabalhos necessários para que a Diretoria de Obras Municipais, em breves dias, possa funcionar em casa própria, pois há cerca de 2 anos está em casa de empréstimo, por gentileza extrema da Santa Casa de Misericórdia; — já obtive poder inaugurar, por estes dias, vários e importantes melhoramentos no Asilo de Mendicidade, inclusive um novo pavilhão, com 64 leitos; — já consegui a melhoria da iluminação pública, a sua disseminação, na sua intensidade e na certeza; — já o serviço de viação inspira mais confiança ao público, nas atenções que lhe deve; — já o asseio das ruas e praças da cidade é um fato nunca presenciado igual, no mais evidente desmentido à fama que nos depreciava.

Também sei, Srs. Municipais, que o alcançado até agora é quasi nada, diante do muito que é ainda preciso fazer.

De referencia ao que hoje aqui se inaugura, devo dizer-vos que quasi tudo é restauração.

Desde os ladrilhos de marmore na entrada, de ha muito empilhados na garagem dos Dendezeiros, até os tacos de madeira d'este salão, aqui amontoados ha cerca de três annos, tudo já existia, espalhado, desordenado, em vários cantos e recantos. Até este material metalico, hoje alinhado e reluzente, estava arrebitado, torcido, desfalcado e todo elle, pela presunção de inutil, destinado a ser jogado fóra.

Restaurámo-lo.

Srs. Funcionarios Municipais,

Que vos sirva o exemplo, Srs. funcionarios desta Casa, e principalmente desta Secção de Contabilidade.

No momento actual, de dificuldades financeiras, um contador, a frente da Comuna, seria talvez mais apropriado que um engenheiro, como eu sou.

GYRALDOSE

para a hygiene intima da mulher

A GYRALDOSE é o antiseptico ideal para viagem. Cada dose posta n'um litro d'agua da a solução perfumada e de grande utilidade para a hygiene intima da mulher.



Excelente producto que nas toxico, descongestio nado, anti-leucorreo, resolutivo e cicatrizante. Odor muito agradável. Emprego continuo muito economico. Da um bom estar real.

Establimento Chatelet
20 Grandes Premios
2, R. de Valenciennes, Paris
A venda em todas as Farmacias

É o antiseptico que toda mulher deve ter posto de si

Depositaros exclusivos no Brasil:

ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Uruguayana, 27 — Rio

Mas, enquanto assim não fór, eu como modesto operario desta restauração em que tanto se empenha o governo da Baía, cumprio o dever de, alojando-vos melhor em vossos postos, transmitir aquella senha:

“Trabalhemos pela Baía... Nada resiste ao trabalho”.

E, finalmente: — Pego-vos licença para repetir as palavras que vos disse em 18 de Fevereiro: — Assim procedendo, estamos dignificando a nós mesmos.

Após cessarem as palmas que acolyheram as ultimas palavras do governador da Cidade, falaram, em nome de seus colegas, os Srs. Hermilo Bernardes e Pedro Perroni Filho, que foram bastante applaudidos.

Por fim, o Dr. Arthur Neiva pronunciou, entre aplausos, feliz improviso, concitando todos os baianos para a obra da reconstrução da Baía, que precisa, diz S. Ex., sem se olvidar de seu passado, garantir o futuro, consolidando o presente.

Em seguida S. Ex. se refere ao quanto ha feito pelo nosso municipio e do muito que os seus habitantes ainda esperam de sua atuação eficiente e proveitosa, o Dr. Pimenta da Cunha. Após ser servido Champagne nos presentes, o Dr. Arthur Neiva e sua comitiva deixaram, com as solenidades da entrada, o edificio da Prefeitura Municipal.

(Transcrito do Diario Oficial de São Salvador).

UM NOVO LIVRO

“BERGAMINI”

pela

Dr. Ernesta Weber

EM TODAS AS LIVRARIAS

USEM

LUGOLINA

E

SALSA, CAROBA E MANACA

DE HOLLANDA

PREPARADO PELO

DR. EDUARDO FRANÇA

OS DOIS JUNTOS REPRESENTAM

O IDEAL DO TRATAMENTO

PREÇO

4.000

DIGA COMNOSCO



Dr. Eduardo França

O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.

LABORATORIO E FABRICA

AVENIDA MEM DE SA, 72 A 76 PHONE. CENTRAL 2827

DEPOSITARIOS DA

LUGOLINA

E SALSA

ARAÚJO FREITAS & C.

R. DOS OURIVES

88 E 90

RIO DE JANEIRO



Dialogo na chuva

— Perdão, gentil Senhorita...

Quer que da chuva a defenda?

De "toilette" tão bonita

Vae desbotar a fazenda!

— De aceitar eu não me privo

Sua offerta, Cavalheiro,

Mas ouça, por tal motivo

Não me impressiona o aguaceiro.

Pode chover toda a vida

Que a côr, firme, se mantém:

Esta fazenda é tingida

Com corantes "Indanthren".



Para que a leitora possa dizer o mesmo que a Senhorita da historia, tenha sempre o cuidado, ao comprar tecidos de algodão, linho ou seda vegetal de verificar se elles trazem a etiqueta de garantia de que foram tingidos com corantes

INDANTHREN

"PARA TODOS"



R i o

8 — VIII — 1934



Banquete ao Ministro Assis Brasil

Sabado da outra semana, no salão Renascença do Casino Beira-Mar os amigos do senhor Assis Brasil reuniram-se em torno d'ele, para prestar-lhe uma homenagem devida pela ação que S. Ex. tem exercido nos ultimos tempos como chefe de um grande partido do Rio Grande do Sul. O coronel Gregorio da Fonseca representou o Chefe do Governo e todos os ministros estiveram presentes.



No Club Naval antes do jantar de despedida ao Comandante Cascardo, Interventor Federal no Estado do Rio Grande do Norte.



Reunião no Centro Maranhense

Em baixo:

acadêmicos de direito e de medicina que formaram a comissão central e organizadora da homenagem prestada ao Ministro Assis Brasil, que está no centro do grupo.



R E P O R T A G E M



O Dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, com os jornalistas que lhe ofereceram um almoço no dia do seu aniversário. Em baixo: o ministro do Trabalho falando na União dos Empregados no Comércio.



A VITRINA DO POETA DA GAROA

QUE maravilha! exclamaste. E como foste injusta contigo mesma. O gesto, contudo era muito de mulher, e imensamente teu. — Que maravilha! repetiste. E a vitrina, radiantemente iluminada, fascinava-te, fascinando em ouro e pedrarias. Sob a luz fortíssima, por sobre a belbutina e o veludo das montras, lavrara, intensamente, um incendio gelado. Gelado, devera-o ser, mas ofuscava e prendia. Nós nos prendemos ambos.

Havia crachás encrustados de turmalinas e grão-mogós; bichas serpeavam no dorso verde da pelucia; pingentes, berloques e ciganas, tinham equimoses de sardônicas e feridas sangrentas de carbunculos; diamantes do Transvaal abriam festas de luz no dorso de pulseiras e acendiam facilhações no abraço de collares. Em meio ao deboche, como as serpentes no templo da Pythonisa, dormiam, estendidos no veludo, trancelins, solitárias e correntes; arrieis gritavam a saudade de orelhas róseas de boêmias e andaluzas; cintilavam anéis, com salpicos de prasios, bríncos, em florescências cristalinas de girasóis; broches, com nêsgas de céu de safiras; alfinetes, com hemoptises trêmulas de escravonetas; arrêcadas, com arrebois de crisoberil; argolões, cheios de vaidades de olivinas; gargantilhas, com pesadelos de onix, e sonhos policromicos de berilos. Entre as facetas de mil cores, brilhava o ouro dos adereços de todas as ligas e quilates. Aqui, uma crisólita repousava no aureo trono de um alamar; além, escravizado a uma barra de prata, um grená da Syria tinha desesperos e silêncios de chama. Aguas-marinhas, peridótes, crisofasos, hiacintos pompeavam. E das amazonas da Sibéria, dos topázios da Hespanha, das turquezas da Persia, de todas as gemas e de todos os prismas, subia, sem que se ouvisse, uma gargalhada em chispas coloridas.

Pedras preciosas, pedras finas, pedras falsas — todas as classes sociais do lapidario, niveladas e confundidas no mesmo anseio humano da ostentação e do brilho.

O espetáculo não pedia filosofias; despertava desejos e cobiças.

Eu, porém, filosofei enquanto cobiçaste. Aqui, minha joia, has de me perdoar que te não houvesse acompanhado. Disse joia, e mal; deveria ter dito escriptorio.

Se Pygmalião vivesse, reconheceria em ti a renovação do milagre de Galathêa, e eu morreria de ciúmes porque teria um rival no artista grego.

Em ti, desmaiavam ametistas nas olheiras; o mais puro alabastro encurva as espaduas: os braços não foram talhados, que ninguém os talha: nos pulsos, empregou-se, decerto, a calcedônia cor de leite, betada de ramos azues. As orelhas foram cinzeladas, talvez, de heliotropio salmilhado a rosa. Nem tu negarás que são agata finíssima as tuas unhas, e que ha muito marfim nos teus dedos.

Para que anéis, vaidosa? se os tens infinitos na ondulação do cabelo, cujos fios são filigranas de crisoberil, preparados por um rendilhario paciente do celeste imperio? Ha mais sol nos teus cabelos que cintilas no diadema de Semiramis. E' de jaspe a tua fronte, — e pensa; são de opala tuas faces, — e córam; de Paros é teu peito, — e ama; de nácar tua boca, — e beija. Enganei-me, não é de nácar; — teus labios são dois mimos de coralinas lavrados a esmeril, e humedecidos para a fascinação do teu sorriso, que desafia a Cleopatra, no odio ás perolas.

Todas as pedras se imitam e falsificam. Ebelmen e Deville jamais poderiam imitar teu olhar, ou teu riso.

Teu olhar... Muda de cor como a esmeralda nua. A' noite, ao luar, parecem teus olhos — e não os havia iguais no tesouro de Mithridates — teus olhos parecem hidrófanas, ou besoados: tudo que encerra prestigio e



LA ARGENTINA

Dansarina do nosso tempo, Mulher de hoje. Ela esteve nos Estados Unidos, New York quis ficar com La Argentina. Mas La Argentina voltou para Paris e, no Théâtre des Champs Elysées, já mostrou as suas novas criações com um successo enorme. — (Photo Steinchen).

brilha. Sei, entretanto, que eles são duas aventurinas soberbas, contendo palhetas amarelas, deliadas e verdes. Se algum dia me enganares, eles tornar-se-ão negros, como os berilos de Inachus nas mãos dos que mentiam.

E tua epiderme de alambre? e teu côlo, de Carrara? e teus seios? ansias de marmore, onde sangram, volupia dous rubis. Não te desnudo; — adivinho-te. E trago fechados os meus olhos para evitar o sacrilegio. Se pudessemos separar tantas riquezas, em que se não percebe o trabalho de incarna do escultor e do ourives, causarias a falencia de Golconda e o desespero de Visapur.

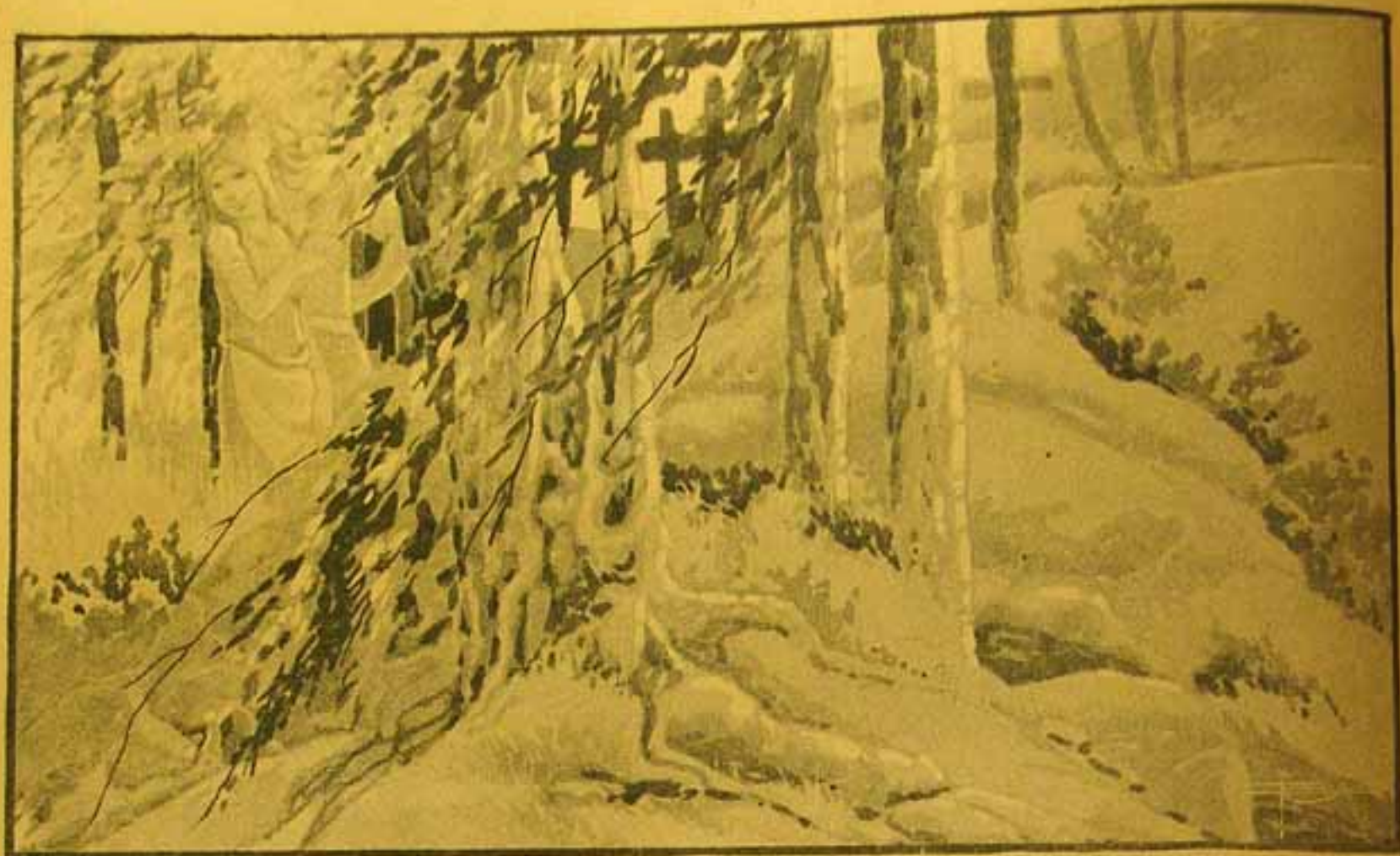
Dioscorido conta-nos a fatal influencia das pedras sobre os homens. Esta é a razão por que tanto sefro aos teus encantos. Hei de encontrar, um dia, a sicione do Araxe, que dêles me preserve.

Quem ousaria colocar, rente aos joelhos de Aphrodita, de Esquillino, as riquissimas jarretelras da mulher de Caligula? Só de um barbaro partiria o gesto, que manchasse com as armlas de Lottia Paulina o sagrado braço de Venus Athenêa. Stratz, o legislador da beleza moderna, e que lhe ditou os canones da suma perfeição, Stratz empalideceria, num escandalo de Religião e de Arte, se lhe eu contara que adorna de adereços o teu corpo de estátua.

Não, querida, as estátuas não se adornam. Mas o demonio, que não abandona jamais as mulheres, ajuntou por teus labios num sorriso, de onde as palavras vieram até mim como pedras:

— O quê? mas tudo isso, meu poeta, porque não me podes dar a barra de prata fosca? Será possível?

**EPICTETO
FONTES
S. PAULO**



VENTURA ALHEIA

PO R HERMAN
LIMA

As duas casas ficavam a pouca distancia uma da outra, separadas apenas por uma cerca de paus-a-pique e um "capão" cerrado de paus-brancos e mofumbos cheios de perfume, enfrouxelados de arminho e de ouro no inverno, garanchentos e negros quando o estio chegava.

Vizinhos havia anos sem conta, os dois filhos do velho Marcellino foram sempre muito amigos da Isabel, a filha de "sinhá" Felipa. Orfãos de mãe, muito novos ainda, os rapazes cresceram desiguais em tudo. Justino, o mais velho, era um cabloco airoso e vivo, muito fornido de corpo, de cara bonita e franca, de uma alegria sem par. O outro, o Damião, pequenino, raquitico, o tronco abaulado, os ombros para cima, só tinha em proporção a cabeça, uma cabeçorra horrível, de olhos esbugalhados, vítreos e mansos, como olhos de peixe ou de sapo. O nariz rombudo parecia arrebitado a socos. O labio superior, partido e arrepanhado num "sinal de chave", descobria-lhe os dentes e as gengivas, dava-lhe um ar feroz de cão de fila. O mento fino rompia saliente, entreabrindo-lhe a boca enorme, de forma a pôr constantemente à mostra um pedaço de língua entre a bei-

çada. E os braços longos e magros tomavam-lhe flácidos, a repousarem no regaço, quando ele ficava em calma, sempre encruzado como um árabe, com os gravetos das pernas lamentáveis metidos para as côxas.

Enquanto não lhes chegou a adolescência, os dois irmãos, muito unidos, andavam sempre a folgar com a vizinha mimosa, a caboclinha de carne acanelada e rosto lindo, que, aos doze anos, era já uma promessa radiosa de mulher.

Da mesma idade do rapaz mais velho, Isabel tinha, para o outro, assomos de ternura quasi maternal, atenta à miséria física do pobre. Justino, sempre jovial, ante aquelas primícias de amor, ria muito, ajudava-a a mimar o irmão, exageradamente, chamava-a de "mãezinha", — "mãezinha" do outro. E, nos folguedos comuns, figuravam sempre assim, como uma família amiga e feliz, contentando-se o doentinho com a sorte de inválido que lhe davam os outros.

Morando naquêl taboleiro ermo, entre o Bento Pereira e o Pau-Branco, sem outros vizinhos por perto, sempre juntos o dia todo, as crianças foram crescendo, fizeram-se rapazes os filhos do Marcellino, a filha da Felipa entrou na puberdade.

Os pais, cada um de seu lado, faziam ambos por sua vida. Viuvos embora, morando um do outro tão perto, nunca tiveram a idéa de casar.

— Para que, se já haviam passado de tempo, como diziam? Contentavam-se apenas com a amizade que os unia, insulados naquêles "gerais" melancólicos. Viviam do cultivo das terras, lindas vazantes que se estendiam ao fundo das casas, à beira do riacho de Russas. Dois cataventos de madeira, além disso, um em cada sítio, tornavam as hortas de ambos num jardim. Nos tempos da seca, as suas forças se conjugavam, fecundas e iguais, para o slavamento da criação numerosa, que todos os anos se multiplicava, en-

chendo de cabriolas e balidos o campo fronteiro. Enquanto a mulher cortava macambira para os animais, e os ia erguer combalidos pelas varzeas causticadas pelo sol, o velho trabalhava, ora em Russas, ora em Aracati, num serviço qualquer, de frete, de arrieiro, que lhes dava para o sustento de uma semana. E assim conseguiam ir alongando sempre sua doce existencia patriarcal. Depois, com o correr dos anos, uma idéa consoladora lhes brotou na mente,—que bem podiam tratar do casamento do Justino com a Isabel, pois o Damião, coitado, não podia entrar nesses projetos de amor. Doente e mesquinho, como era, qual a rapariga que o preferiria ao outro, — um belo rapagão, que ia ficando, ágil e vigoroso como um novilho selvagem?

Aliás, com o desportar dos seios pequeninos, Isabel sentia-se já diferente do que sempre fora, entre rapazes. Não mais brincadeiras livres, corridas loucas pela mata, sózinhos, à cata de ovos de nambú, alegres banhos descuidados no riacho caudaloso, quando as águas desciam do sertão chovido. Insensivelmente, refugia às expansões de outrora, com o pudor virginal na mulher que desperta. Quando juntos ainda, seus folguedos pa-

saram a ser mais quietos, um embaraço crescente tomava-a agora, ante os outros, certas palavras d'elles, tão ouvidas já, acendiam-lhe nas faces lindas duas rosas de sangue fulgurantes.

Os dois também não eram mais os mesmos. Justino olhava-a agora, cheio de sentimentos novos; parecia-lhe, estranhamente, que ela não poderia mais, d'oravante, continuar a pertencer assim a ambos por igual... Enchia-lhe o peito um grande e forte desejo enternecido de tê-la no mundo, a seu lado, eternamente sua, para a vida e para a morte, só d'ele, senhor feliz do tesouro incomparável, que estava naquêllo corpo trigueiro e capitoso de cabocla ardente, naquela boca saborosa e húmida como uma fruta silvestre, naquêllos olhos de noite tempestuosa, — dois pedaços de céu noturno do sertão hiemal, acesos em relâmpagos de amor. Todas as carícias inocentes, que haviam trocado até então, volviam-lhe á mente, acordando-lhe a vontade muito doce de repeti-las ainda, agora que as saberia gozar melhor... Daí, não lhe agradar mais a ternura comovida que a mulatinha nutria sempre pelo irmão. Deu para irritar-se com aquêlla meiguice misericordiosa, que elle já não podia mais compreender direito, entrou a tratar o pobre com azedume.

A caboclinha, por fim, sem querer quasi, para o não desgostar, começou a fugir ás carícias de Damião. Quando elle a procurava, para dar-lhe uma flor do mato, um fruto saboroso que apanhara para ella, ou uma ave cantadeira que aprisionára com o sentido preso a sua dona, Isabel aceitava contrafeita esses mimos ingenuos, fazia sómente uma fração de agradecimento apiedado e benevolente. Entretanto, para o outro, toda se volvia jubilosa, a boca amavel adoçada em risos alviçareiros, quando, de voltas das viagens a que annava agora, com o pai ou sózinho, em diligencias várias, o rapaz lhe entregava uma lembrança qualquer que lhe trouxera, — um espelhinho de parede, com floragens pintadas, fitas de côres para o cabelo, um vidro de agua de cheiro ou um lençinho bordado.

Damião, afinal, já entendia aquêlles modos de ambos, uma grande tristeza rancorosa entrou a pungir-lo, acerba e crua. Estava cada vez mais sumido. Uma amarelidão de impaludado pintára-lhe de óca a máscara da face, onde principiava a pungir um bigode ralo de mongol cachetico. As mãos tinham uma estrutura complicada, eram todo um feixe de falanges ossudas, unhas em ponta, e estriamentos ténissimos de veias. As roupas faziam-se-lhe em farrapos, rasgões cortavam-nas de alto a baixo, por elles repontando a pele corrugosa e feia. Só os olhos no pobre não mudavam: a cornea sangrenta, o iris sem fulgor, eram ainda os mesmos olhos tristes, de rez sacrificada. Muito fraco, "aberto dos peitos", não podia fazer serviço algum, que não rebentasse ás golfadas de sangue. Sua unica occupação era pescar no córrego, pelo inverno, e caçar no mato, uma vez por outra, os veados que abundavam no sítio. Nunca mais fôra procurar a vizinha na presença do irmão, que evitava o mais possível. Aproveitava-se dos dias em que elle andava por longe, num "côrte de olho" pelo Borges, numa "junta de gado" pelo Palhano, para ir vê-la.

A rapariguinha recebia-o, num sorriso doce, indagava da sua saúde, calava-se após, entregando-se ao trabalho em que se occupava, ora trocando os bilros na almofada, mudando com ligeireza os espinhos de mandacaré, ora na tarefa de costurar um chapéu de palha, cuja trança a mãe preparava; a um lado.

Damião quedava, então, enlevado ante ella, minutos a fio, pobre Tântalo do amor, que por cousa

alguma do mundo, nesses momentos infaveis, se arrancaria dali, do seu extase de sapo ante as estrelas. E era sempre mais desolado e suspiroso que deixava, a custo, a casa da vizinha.

Para irem lá, os dois rapazes seguiam sempre por uma vereda serpenteante, aberta na mata, sob o tunnel de garranchos do capão.

Ora, um dia, — estando Justino fôra de casa havia já uma semana, — encaminhando-se para o mato, com a espingarda de dois canos carregada ao ombro, e o polvarinho e a cabacinha de chumbo á cintura tomando a trilha estreita, para ganhar além, as capoeiras, Damião encontrou, a pouca distancia da cerca de paus-a-pique, os restos de uma ovelha arrebatada na vespera ao chiqueiro, por uma onça destemida, que o devastava aos poucos, de certo tempo em diante. Certo de que o animal voltaria á noite, para finalizar o repasto interrompido, o rapaz resolveu preparar-lhe uma armadilha com a espingarda, quando regressasse da caça, ao fim do dia. Atirou um olhar para as bandas da palhoça vizinha, que mal se entrevia adeante, através das galhadas negras, num suspiro internou-se no mato.

Nesse dia, entretanto, Justino, que saíra do Aracati, duas horas antes, apeava-se, ao anoitecer, em casa do Fortunato Rocha, no Rancho do Povo, para um breve descanso, que aproveitou para "bater a sela", o que, no dizer matuto, equivale a boa razão de milho para o animal. E, quando cavalgou, novamente, o pedrês esqualido, rumando á casa, o sol descambava já para o poente, sem pompas violentas de côres, amarelado e frio.

Seriam sete horas, quando o rapaz se apeou no terreiro da casa. Aí, foi só desarrear o animal, que se atirou para um lado, espojando-se na areia, a bufar, com volúpia, — entrou, para tomar a bênção ao pai, e precipitou-se de corrida, pela vereda, para a casa da namorada.

Mal elle passára, Damião que perdêra o tempo todo vagando ao longe, sem abater uma caça, entrava pelo atalho procurando os nespojos na ovelha abandonada. Diante d'elles, ao pé do mato fronteiro, apoiada a duas forquilhas de pau-branco, o rapaz colocou a espingarda bem firme, visando a carniça; amarrou um cordel aos gatilhos armados, passando-o por trás da arma, por um torozinho de madeira fincado no chão, á pouca distancia; e levou a outra ponta ao outro lado da estrada, prendendo-a num tronco de hortensia, junto á presa abatida. Quando a onça voltasse, topando na linha distendida, faria detonar a arma certamente.

Perigo de alguém passar por ali não havia, pois

só elle e o irmão corriam aquella trilha perdida, e o Justino, áquella hora, devia estar ainda pelo Aracati. Pronta a armadilha, levantou-se, examinou tudo com vagar, endireitou para casa.

Aí, porém, aterrado, viu o cavallo do irmão, o pai lhe disse que elle chegára pouco antes, correndo logo á procura da vizinha. O rapaz ficou por um momento imóvel, varado de susto. Mas, de repente, sem uma palavra, atirou-se á disparada para a vereda, a evitar que o outro, de volta, fosse de encontro á arma traiçoeira. Ao defrontá-la, respirou com desafogo, por encontrá-la intacta. Parou resfolegando, morto de cansaço, as pernas bambas, o coração estrondando no peito. E, passado um instante, abaixou-se, dispunha-se a desfazer a armadilha, quando vozes em dialogo, muito perto, o sustiveram. Erguendo-se então a meio, protegido pela sombra da mata garranchenta, correu a vista em tórno, afim de ver quem falava.

A lua, alta no céu, muito branca, muito limpa, aclarava como dia o campo vizinho. A pouca distancia, rumando á cerca de paus-a-pique, vinham dois vultos abraçados, não tardou a reconhecer o irmão e a namorada.

Damião, estarrecido, oprimido, o cavername do peito num estrupido de forja, estacou vivendo só pelos olhos, olhos de fogo, que davam calafrios, assim luzindo na penumbra. Embora soubesse, havia muito, dos amores dos dois, nunca os vira assim sózinhos, de par, aos beijos, como dois noivos venturosos. A cabeça ficara-lhe á roda, corriam-lhe manchas pela vista, sentia-se estrangular de dor. Pela frente batia-lhe um pam-pam de sangue a latejar, tombaram-lhe os braços inertes para o chão, estava de joelhos na areia; a boca escancarada, hedionda, deixava escorrer uma filetação de baba entre a beirada. Duas grandes lagrimas doloridas ferviam-lhe nos olhos loucos. Imóvel como um tronco, abatido ao pé da armadilha, ficou assim um tempo enorme, sem sentir, sem viver.

Mas, os dois tinham parado em face da estacada. Justino despedia-se para saltar a cerca.

Então, de repente, num pulo feroz, o rapaz precipitou-se para a arma carregada, calçou com força a forquilha de trás, que a sustinha, alçou assim mais o cano, até pô-lo á altura de visar um homem. E, tudo pronto, — o cordel esticado, os gatilhos abertos, prestes a bater, — agachado ao pé do mato, cauteloso e sinistro como uma sombra mal-dita, Damião atirou-se a correr pela vereda em fôra, como um doido, soluçando de dor, soluçando de odio.



PARA TODOS.

O HOMEM A QUEM A FORTUNA ASSASSINO

POR HILTON SETTE



Sim, duas. A minha e a daquela mocinha ali na frente... de vestido creme... e boina azul...

O condutor passou o trôco. Um cruzado. E o Gildo ficou esperando o agradecimento dela, muito sêco, muito inexpressivo, que se limitava a um movimento afirmativo de cabeça.

Era assim todos os dias que Deus dava.

Um namôro sem jeito. Frio. Monotono. Que não passava da mesma coisa. Um bôa tarde... e agradecimento... e um olhar de adeus quando ela saltava no penúltimo poste antes da curva... Sómente. Nem podia ser mais. Porque tanto a timidez excessiva do rapaz, como o recato esquisito da moça, não consentiam o progredir daquela amizade tão grande e tão esquivia!

O tempo é que gostava de apostar carreira com os meses.

E, o destino, cá fóra, conspirava secretamente para dar um fim, qualquer que fosse, àquela vida que não podia continuar na monotonia em que vivia.



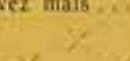
Para mim, o Gildo não é mais que um homem morto pelo ouro.

Sim.

O nosso amigo não nasceu para ser rico. A fortuna paterna matou-o espiritualmente. In-

sensibilizou-o em sua alma. Tornou-o o que ele é hoje: um rapaz sem emoções. Sem vida. Sem nada. E digo assim, porque o Gildo sempre foi um menino raquítico. Franzino. Doente. A riqueza cercou-o de conforto e de brinquedos caros. Mas privou-o das alegrias próprias da idade. Cresceu sem nunca ter botado os pés no chão... sem nunca ter empinado um papagaio de papel... nem jogado castanhas... nem subido numa árvore... E fez-se homem dentro daquele palacete magestoso em que sua única felicidade era a janela por onde gostava de olhar o brinquedo contente das crianças pobres do chalézinho amarelo-ovo de defronte.

Só mesmo o amor é que poderia dar um pouco de vibração à sua alma desiludida. Esquecida. Como insensibilizada para os prazeres do mundo. Só mesmo o amor... Por isso é que o Gildo segue todos os dias aquela sombra misteriosa do acanhamento e do recato. Aquele vulto encantador que lhe fez sentir no coração uma amizade muito de acordo com o seu espírito. Uma amizade pura, sincera, muito forte, que envés de servir para os aproximar, parecia afastá-los cada vez mais...



A vitrola num arranco brutal estacou os compassos flexuosos de um *blue* americano. De subito.

Automaticamente.

Tanto que o Gildo nem precisou se levantar. Antes, estirou-se mais no macio-fôfo da "dermeuse". Apoiou a cabeça sobre os punhos cruzados. E ficou com os olhos pregados na brancura do teto estucado. Que era bem uma fotografia fidelíssima de seu íntimo.

Estava só.

Em tórno, o ambiente traía o luxo típico das casas ricas. Cheio de muitos móveis. De tapetes caros. De almofadas vistosas. Mas vazio, ôco, muito ôco mesmo, do hino contente da vida pobre.

De "lá de fóra" vinham gritos roucos de vendedores de frutas. Pedacos soltos de frases banais. Uma voz suave de mulher que repetia o estribilho saudosos daquele samba:

"Não posso mais sofrer assim".

Se os teus caprichos não tiverem fim...

Gildo pensou na carta que teve a ousadia de escrever. E num sonho vago de esperança ficou gosando o sabor de uma resposta...

Foi quando telefonio começou a chamar.

Insistentemente.

Gildo não teve outro remédio senão atendê-lo. Certo de ser uma ligação errada. Ou algum recado para alguém de casa.

—Ela mesmo...

E a vizinha cantante que lhe dava bôa tarde todos os dias falou do outro lado:

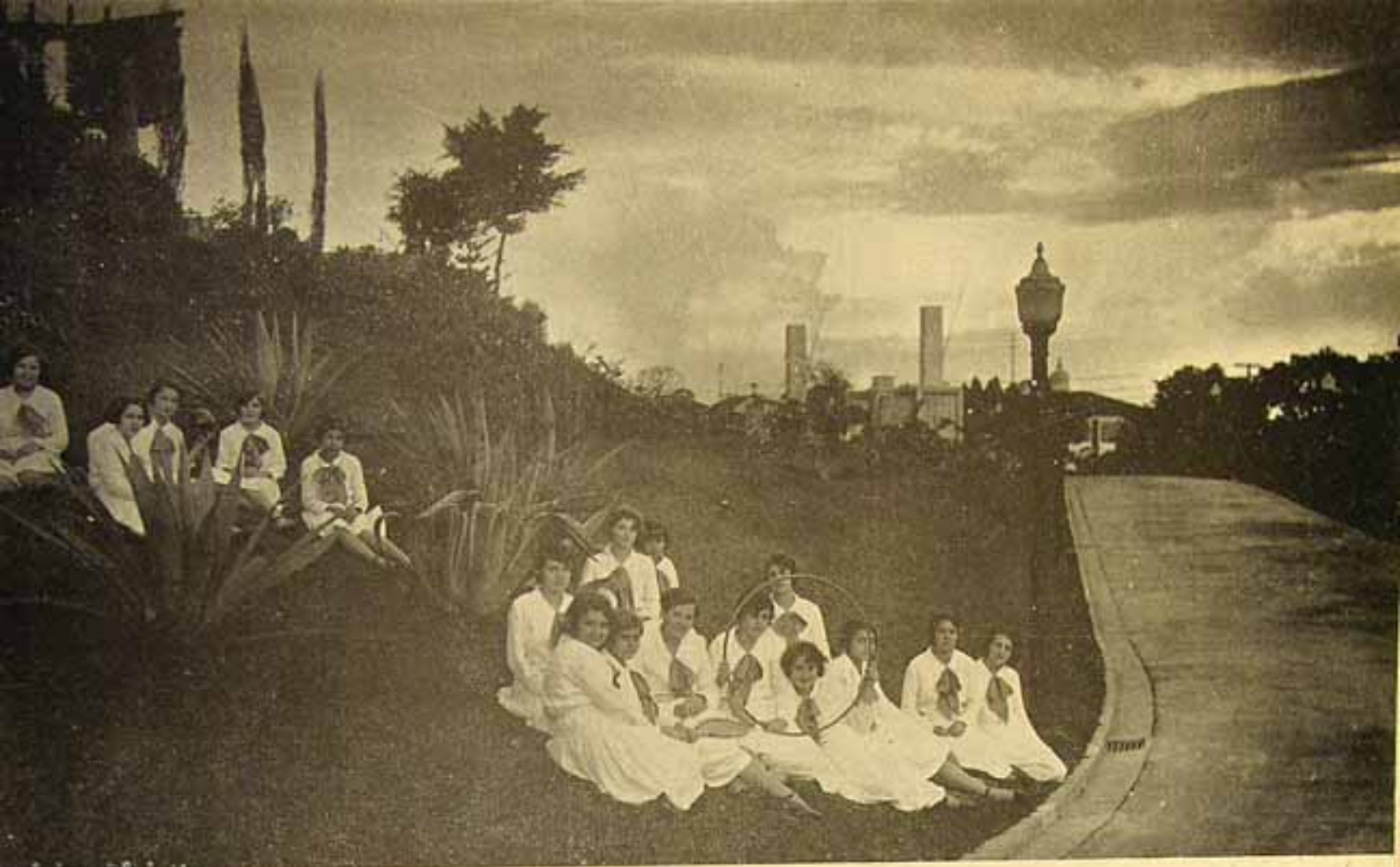
—Olhe, Gildo: Eu gosto muito de você ouvindo muito mesmo. Mas... O nosso casamento é um sonho. Um sonho tão bonito que não pode se realizar. Eu sei que você não tem culpa. E não é por mim. Mas por mamãe que me adora... que me quer ver casada com um rapaz direito... como você sim... mas que não seja filho do homem que arruinou a vida comercial de meu pai...

Gildo não teve que dizer. A vizinha sumiu-se num soluço. E mais tarde, quando alguém entrou em casa, encontrou o corpo inerte, banhado em sangue, de um homem a quem a fortuna assassinou...



PERNAMBUCO

Na feira de Afogados (RECIFE)



Em cima: alunas do Colégio
Santa Marcellina, no Parque
de Agua Branca.

D E
S Ã O
P A U L O

Em baixo: no Club das Per-
dizes quando foi o baile da
chita.



DA SEMANA QUE PASSOU



6.º ANIVERSARIO D'O "GLOBO"

Visita aos túmulos de Irineu Marinho e Eurycles de Mattos, onde falaram Netto Machado e Eloy Pontes



Dopolavoro

Na festa em homenagem ao professor Saloperto
Em baixo:
na Confetaria Paschoal quando foi o chá oferecido à Im-
prensa pela Companhia Lírica Brasileira.



Exposição Celso Kelly

Na tarde em que Murillo Araujo leu os seus
mais novos poemas.

Em baixo:
festa da Colonia Suissa no dia da Independencia.





MINNA DE ALVARO MOREIRA DESENHO DE F.M.

NÃO tem casa. Móra num quarto de vestir. Anda sempre nua. Atirada sobre o divã verde, laranja, ouro, azul, lê, lê, lê. De noite, dança para ganhar a vida.

A vida... Uvas, passas de pecego, malaga, sorvetes, pedaços de seda, todos os perfumes do mundo...

Cem o cabelo cortado rente, dá a desconfiança de ser um homem de depois da guerra. É mulher. Não porque usa o nome de Minna. Com dois enes. Sem acordo ortografico. Mas gosta de conversas invisíveis.

A diferença principal entre uma mulher e um homem vem de que a mulher nunca desliga o telefone quando a ligação foi feita errada. O homem às vezes desliga. Minna fica falando, fica ouvindo. Em êstase.

Os livros entretanto arranjam o seu prazer de verdade. Na cabeça de Minna ha uma solitaria inconsolavel. E inteligentissima. Devóra montes de romances, colinas de peças teatraes, outras elevações de revistas em varios idiomas. Quando aparece a hora de sair, antes de fechar o livro, Minna põe um sinal na pagina, na

ultima frase, com pó de arroz, com *rouge*, com coisas pretas para os olhos. A biblioteca de Minna está toda maquilhada. Cheia de marcas da passagem de'a. Si ela podesse ir assim para a rua! Si podesse trocar as roupas já tão insignificantes por pinturas na carne bolchevista! Que modelos crearia! Que estupendos figurinos!

Nessa rapariga perfeitamente sem educação reside uma artista criadora de maravilhas. Minna sózinha é um bailado russo de Paris... Um bailado completo: cenarios, costumes, musica, atitudes, movimentos, o résto... E como Minna dança mal! Um encanto!

É dona de um gato e de um amor. O gato a gente vê. O amor ninguém sabe onde é...

VAMOS para



W. C. Fields, artista comico norte-americano

Coronel

E' estrêa?

Cabaretier

Chegada hoje de Buenos Aires... Orquestra!... Musica para mademoiselle Marieta. (Ouve-se musica. A cançonetista começa a cantar fóra) C (Ao público) Estão vendo? E' a rival de Claudia Muzio! (Sai)

CENA VII

MOACYR e o CORONEL

(A cançonetista canta ainda até ao fim da cena)

Coronel

Deve ser muito bonita.

Moacyr

A voz?

Coronel

A mulher...

Moacyr

Tem razão, coronel. Eu também prefiro uma mulher bonita a cantar para mim uma canção horrível, a uma celebridade que cante a Tosca para o público... Vai ficar, coronel?

Coronel

Um momento... Estou á espera daquela mulher.

Moacyr

Ah!... (Levanta-se) Vou até a campista. Estou com fé na dama. Até logo...

Coronel

Se encontrar algum garçon, mande-o até aqui, por favor.

Moacyr

(Saindo pela E.) Pois não...

Dois até...

CENA VIII

O CORONEL e o GARÇON

Garçon

Excelencia?

Coronel

Champagne.

Garçon

Cliquot?

Coronel

Cordon Rouge. Velho. Duas taças.

Garçon

Perfeitamente! (Sai)

CENA IX

CORONEL, LISETTE e depois O GARÇON

Lisette

O senhor é de uma pontualidade britânica...

Coronel

Oh! Lisette! Que honra para mim! Pensei que não aceitasse tão depressa o meu convite...

Lisette

(Sentando-se) Eu sei quais são os convites que a gente deve aceitar prontamente... (O garçon entra com o Champagne, serve e sai)

Coronel

A' sua!

Lisette
A' nossa!... (O coronel devora a taça)

CENA X

Os mesmos e o HOMEM QUE FALA SÓZINHO (Sentado a um canto)

O homem que fala sózinho
Ha um encanto sem par na vida da meia-noite! O luar é cretino!

Coronel

(Intervindo) O senhor está dizendo uma grande verdade!

O homem

(Fixando-o) Não estou falando consigo...

Coronel

(Olhando em torno da sala) Aqui não ha mais ninguém...

O homem

Falo com o meu "eu". E' um direito que me faculta a Constituição! (Com desprezo) Os incomodados mudam-se!

Lisette

(Baixinho) Parece que é doido...

O homem

O estado maior está cá fóra. Não obedece ás ordens do Dr. Juliano Moreira...

Lisette

Ele ouviu...

Coronel

E' melhor deixar o homem em paz...

O homem

A nação anda á procura da paz... Creio sinceramente que a vida de um povo assim é um buraco!

Coronel

O senhor disse uma grande verdade!

O homem

Não estou falando consigo!

Lisette

Fique quiêto...

O homem

A quietude! Como me faz bem ao coração! Venho buscar a minha quietude no barulho do cabaret!

CENA XI

Os mesmos, MOACYR, depois O GARÇON

(Ele entra e dá a impressão de que sofreu um choque ao ver Lisette. Ela também disfarça uma surpresa chocante)

Moacyr

Parece que chego em má ocasião...

O homem

A ocasião é tudo na vida! (Moacyr olha-o espantado)

Coronel

(Piscando-lhe o olho) Chegue-se para aqui. Já conhece?

Moacyr

Não tenho o prazer...

Coronel

Madame Lisette... O Dr. Moacyr de Toledo, um dos escritores mais notáveis do Brasil!

Lisette

De nome já o conhecia. Leio-o todos os sábados no "Para Todos..."

Moacyr

(Sorri agradecendo)

Coronel

Pois é esta a mulher de que lhe falei ha pouco... Que tal?

Moacyr

Encantadora!

Lisette

(Sorri de novo agradecendo)

Coronel

Bem vê que tenho bom gosto...

Moacyr

E que sempre foi um perito em questões femininas...

Coronel

Um profundo entendedor dos misterios que envolvam o coração da mulher...

O homem

As mulheres de hoje não têm mais coração. No lugar do coração colocaram uma caixa registradora, que se abre e fecha ao sabor do dolar. Dentro da caixa, desafiando a argúcia dos gigolôs, é que está o coração.

Lisette

(Olha Moacyr e sorri)

Coronel

E' indirêta ou dirêta?

O homem

Deixe de ser bobo! Não estou falando consigo!

Moacyr

Ele não quer dizer que o senhor seja um otario...

O homem

Diz o tango "que se acabaram los otarios" e que por detrás de cada otario se esconde um gigolô. Mentira. Os otarios é que se julgam gigolôs...

Moacyr

Admiravel!...

Lisette

Acha?

Coronel

Otimo!

O homem (Alto)

Garçon! whisky an soda!

Garçon

John Haig?

O homem

Old Parr... (Garçon sai. O coronel bebe, de uma só vez a taça)

Coronel

Sei com que mulher estou

O AMOR

P E Ç A

E M

7 QUADROS

D E

IBIRASIL
GERSON

(Continuação)

tratando. Vou ali e já volto. Confio a vocês dois a minha integridade moral!...

Lisette

Pode ficar descansado...

O homem

Ha duas coisas impossíveis neste mundo: — confiar numa mulher e ver o Sr. Washington Luis sem cavagnac...

Coronel

(Saíndo, olha-o com ran-côr)

O homem

Não estou falando consigo! Não seja bêsta!

Moacyr

Quem é? Engraçadíssimo!...

Lisette

(Leva o dedo á testa como que a dizer que o homem que fala sozinho é doido)

CENA XII

LISETTE, O HOMEM, MOACYR e o GARÇON

Garçon

(Serve whisky e põe um copo deante de Moacyr. Sai)

Lisette

Beba um pouco de Champagne...

Moacyr

A sua beleza!

Lisette

Obrigada!...

O homem

A verdade no amor é mais difícil do que um deputado da oposição falar bem do governo...

Lisette

Será verdade?

Moacyr

Cosí é, se vi pare... (Vem lá de dentro a melodia de "Se acabaram los ótarios" às vezes entrecortada de frases do tango celebre)

Lisette

Quer dançar o tango?

Moacyr

Não sei dançar.

Lisette

Um rapaz tão simpático...

Moacyr

No Brasil toda a gente sabe dançar e falar o francês, menos eu...

O homem

Só a mulher imbecil é que não gosta do homem diferente dos outros.

Moacyr

Viu?

Lisette

E então?

Moacyr

Ha uma semana que eu lhe suplico um sorriso que seja só meu...

Lisette

Lembra-se da frase do homem que fala sozinho? E' mais difícil a verdade no amor que um deputado da oposição falar bem do governo.

Moacyr

Não cre, então, na minha sinceridade?

Lisette

A sinceridade não basta. E' muito banal. Eu quero um amor original que me convença á custa de todos os argumentos possíveis.

Moacyr

E que devo eu fazer para conseguil-o?

Lisette

Não sei... (Sorri significativamente)

Moacyr

E este sorriso?

Lisette

Quer dizer que pretendo ser conquistada...

Moacyr

Como?

Lisette

Isso depende do meu estado d'alma...

Moacyr

Com romantismo?

Lisette

O meu estado d'alma é como um arco-iris... Tem muitas cores. E é furta-côr também. Pode ser muito bem que, quando você lançar um golpe azul contra o meu coração, ele só se satisfaça com um golpe rubro...

Moacyr

Você será uma mulher estranha, única, esquisita?

Lisette

Não... Sou apenas como todas as mulheres...

O homem

Uma decepção... A gente deve ver sempre de longe as mulheres que acha interessantes. O contato conduz á realidade. E' por isso que eu me contento em

ser na vida apenas um gigoló subjetivo.

Moacyr

Será verdade?

Lisette

Cosí é, se vi pare...

CENA XIII

Os mesmos e o CORONEL

Coronel

Dansaram?

Lisette

Conversámos...

Moacyr

Sobre o amor...

Coronel

O assunto em que eu sou perito...

O homem

Toda a gente diz que entende de amor. Mas sempre canta, em desabafo, o estribilho do tango fatal: — "Um dia pagarás tu hasaia!"

Coronel

(Bebe furiosamente a taça. Vê-se que o álcool lhe sobe á cabeça. Torna-se expansivo e começa a tocar em Lisette, que se mostra contrariada) Meu amor, não acha você que eu sou um homem tentado?

Lisette

Conforme o ponto de vista...

O homem

Oh! Vã ilusão do dólar!

Coronel

(Bebe uma taça mais. De dentro chegam vózes animadas.)

Moacyr

(A Lisette) Está na hora...

Lisette

De que?

Moacyr

De fechar o tempo. Nos cabarets brasileiros, ou fecha-se o tempo, ou improvisam-se manifestações patrióticas. (Baixo a Lisette) Vá para o hotel?

Lisette

Vou.

Moacyr

Quer que eu a acompanhe?

Lisette

Tenho já companhia...

Moacyr

(Acende um cigarro com melancolia e fica a observar com tristeza a fumaça que baila no ar)

Lisette

Não fique triste. Chegará o seu dia. (Toma-lhe a mão carinhosamente) (O Coronel olha desconfiado) (Ao coronel) Está apaixonado... Precisamos confortá-lo...

Coronel

Apaixonado por quem?

(Continúa no proximo número).



Carlos Leal, artista comico português

PARA TODOS.

SEM TÍTULO

Por NOEMI
PITANGA

A mocidade de minha cabeça
o primeiro fio de cabelo
branco...

Essa mancha tão melancólica e tão
palida, tão tristonha e tão sentida, és
Tu, porque Tu és meu desgosto, por-
que a saudade, desde que nasce até
que morre o dia, clama por Ti, e de
treva fez-se neve, e de noite escura
fez-se luar...

Virão outros, depois...

E, depois outros virão, e minha
cabeça de sonho e mocidade trans-
formar-se-á no vasto Campo-Santo-
do-Pensamento, cheio de lenhos e
cruzes, muito brancos...

Cruzes e lenhos, muito brancos,
pedras votivas de uma aspiração
vencida, lapides singelas de um
grito de vitória sufocado por tuas
mãos indiferentes, morto, mor-
to...

Lenhos e cruzes, muito brancos,
muito alvos, sem a piedosa prece
tua, sem a anção de um beijo teu
para o espirito que poisa, desprote-
gido e anonimo, na coragem de sua
grande magua...

E a mocidade de minha cabeça
assinalará em cada cabelo branco,
desejos abafados, ilusões perdidas,
desenganos e desenganos — cruzes e
lenhos, lenhos e cruzes, interminos,
infindáveis, que os desesperos não
têm medida — Campo-Santo de re-
nuncia e de tristeza, de melancolia e
de saudade, Campo-Santo-do-Pensa-
mento...



GAROTOS DE PARIS — DESENHO DE POULBOT

— MONTMARTRE —

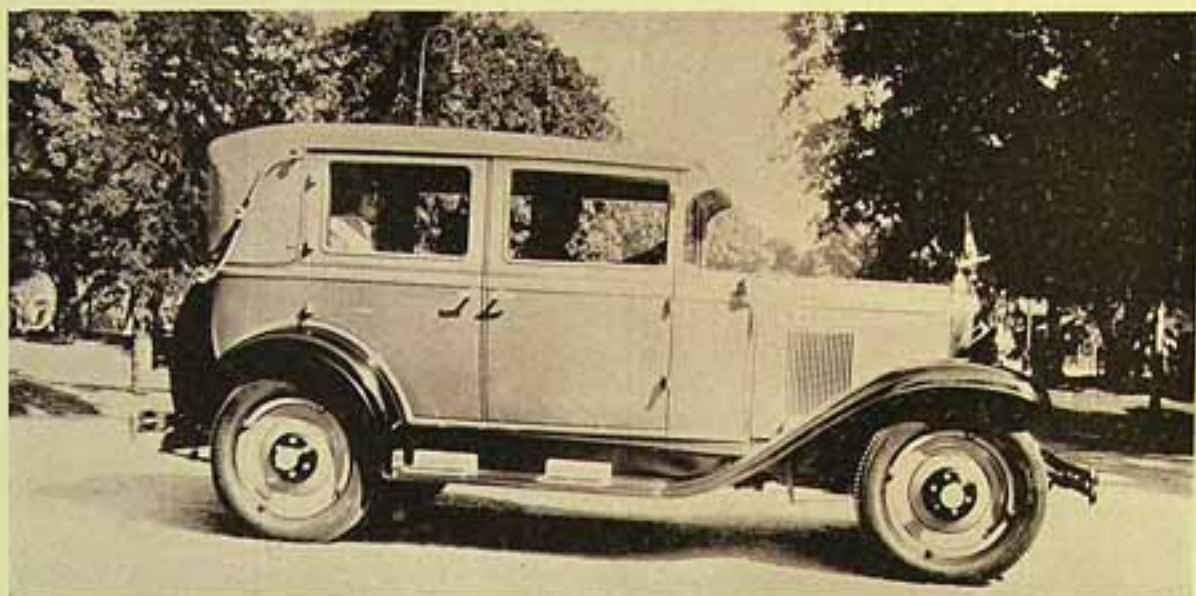
PARA TODOS...

N o t a s i n é d i t a s

de

Graça

Aranha



A
NATUREZA
E O
AMOR

O último retrato de Graça Aranha na última vez em que ele saiu, 23 de Janeiro de 1931, uma sexta-feira. Tinha ido reservar passagens no "Duilio" que partia em Abril. Graça Aranha pretendia fixar residência na Itália, junto dos lagos. (Fotografia tirada e cedida a "Para todos..." por Dona Nazareth Prado).

A Natureza não é uma separação, é o meio onde se deve realizar a *comunhão da alegria* no Amor. As expressões da Natureza são expressões do Amor e o Amor é a própria comunhão com a Natureza.

O surto do Amor é atravessar todos os círculos da Dor e chegar à comunhão da alegria com o ser amado.

No Amor se atinge à sua própria divindade pela provação, pelo sofrimento e pelo extase. É a própria veneração.

O S
MILAGRES
DO AMOR

A inspiração. O extase produzindo a beleza da expressão corporal. A tranfiguração. O genio no amor. O profetismo. A espiritualidade. A

transcendencia espiritual. A ressurreição. A imortalidade.

Atingir a unidade absoluta que é toda a ansia dos seres no Universo. Esta perfeição absoluta só é atingida na unidade corporal e espiritual dos dois amantes na comunhão da alegria pela fusão da Natureza.

O Amor é a elevação. É o desprezo da realidade, a morte da ação.

O AMOR
E O PANTEISMO

Antes do instante da paixão o homem por um sentimento profundo da Natureza chegara a realizar a idealidade do Todo vivo e animado. E neste idealismo o sentimento da Dor se tinha eclipsado, tudo era o perpetuo renascimento do Universo e daí o

cepticismo absoluto e a sublime impassibilidade. Mas desde que o Universo pela magia do Amor se representou em outro ser, no espírito humano se produziu a mutação do panteísmo. A Natureza só é compreendida no ser amado e só por esta "realidade" ela existe. Se o ser adorado se transformar, morrer na sua forma atual, aquela realidade do Universo se extingue para o amante e toda a vida universal cessa com a vida das vidas.

No Amor o ser amado é uma paisagem.

GRAÇA ARANHA



C
I
N
E
M
A



Evelyn Laye

De cima: Fernanda Pombo, Itala Ferreira, Tanuar Mocima, Eugénia Brazão, Lygia Sarmento, Augusta Guama-
rães, Córca Costa e Iracema de Alencar. À direita: João
Barbosa, Atila de Moraes, Raul Soares, Aurélio Corrêa,
Jayme Costa, Gabriel de Macedo, Aristoteles Penna,
Alvaro Costa e Armando Rosas.

(Fotos de los Rios)



Companhia
do
Teatro João Cateano



Em cima: Madge Bellamy — Janet Currie

T
E
A
T
R
O



Temporada
de
Comedia Brasileira

Teatro



Vera Sergine que iniciou a temporada estrangeira, com Henri Rollan e a sua companhia de comedias, no Teatro Municipal

Livros



Galeão Coutinho, poeta do "Parque antigo", que contou as histórias do "Semeador de Pecados" e que acaba de publicar a novela-reportagem: "Cambio a 3", que é uma fotografia animada numa sátira continua, film de um diretor humorista, que se divertiu dirigindo os seus interpretes e pôs legendas terríveis nelas e neles.

NIO DA REGENCIA atinge neste livro sobre Patrocínio um alto grau de pesquisa e narração.



Aureliano Leite, escritor e homem que se confunde na mesma sinceridade, na mesma pureza, fazendo de todas as desilusões crenças novas. Como ninguém sabe admirar como Aureliano Leite, ninguém sabe castigar como ele, serenamente, do alto. As suas "Memórias de um revolucionário" formam um dos livros mais envolventes que os sucessos dos últimos tempos provocaram.

personalidade, a emoção se representa em paginas de grande penetração psicologica. Livro de cultura, livro que marca uma individualidade. Livro destinado a tornar-se um grande subido para a história acidentada do cativo, O TIGRE DA ABOLIÇÃO é uma obra que nos dá uma visão completa da campanha redentora e de seu heroi popular. Uma obra que exalta. Uma obra que fica.



Raul de Azevedo, que acaba de publicar o romance "Roseiral". É um escritor de nome feito, e o romance é lindo como o título.

Musica



Ophelia Nascimento pianista admiravel e preguiçosa. Ha quanto tempo o Rio não ouve Ophelia Nascimento?

Pintura



Padua Dutra, pintor de S. Paulo

Dansa

Leda Bolsson, discipula de Vera Grabiniska e Pierre Michaylowsky, na Escola Padua Soares.



O Tigre da Abolição



Biografia de José do Patrocínio por Osvaldo Orico

1923

O acontecimento literario da semana foi, sem duvida, o aparecimento do novo livro de Osvaldo Orico — O TIGRE DA ABOLIÇÃO — titulo sob o qual se encontra a reconstituição da vida de José do Patrocínio. Obra de justiça a uma grande figura esquecida, é também uma obra de arte. As qualidades reveladas em A VIDA DE JOSÉ DE ALENCAR e em O DEMO-

O TIGRE DA ABOLIÇÃO é um livro que educa e comove, esclarece e deslumbra, representa e exalta. Obra que vale por três anos de laboriosa pesquisa, três anos de atividade intelectual empregados em consultas a testemunhos orais, bibliotecas e museus. A biografia de Patrocínio marca a mais bela etapa da obra de Osvaldo Orico. Tudo recomenda ao apreço do grande publico esse livro em que se articulam para fortalecê-lo as razões da cultura, do estudo e da meditação e os extraordinários motivos que ele versa. O novo trabalho de Osvaldo Orico está dividido em cinco capitulos: — Berço, Escalada, Ação, Irradiação, Apoteose e Declínio. Em qualquer deles a vibração é a mesma, o estilo guarda a sua alta



CREATURAS
DO BOM DEUS

(Fotos G. MENTZEL)

Era aquilo *the big parade*, a parada monotona, o grande desfile dos exercitos da civilização, ou a parada macabra da morte, da peste e da infamia? Era tudo isso ao mesmo tempo, ciclone de desarticulações nunca imaginadas, arrastando em pós de si colunas e mais colunas de martires, de iluminados, de simples vítimas da disciplina e do patriotismo em alvoroços.

Preso na cauda desse ciclone que abalou, a principio, a Eurasia e, depois, como granizo, a Africa e as duas Americas, fui sacudido da minha tranquilidade licita pelo afan profissional de João do Rio, que me oferecera, em Paris, por bondade e cavalheirismo, o lugar de correspondente telegráfico e epistolar da *Gazeta de Notícias*. E era assim que eu ia, França afóra, experimentar as sensações e os horrores da guerra, invejáveis no principio, detestáveis por fim, fatigantes, insipidas, acima de qualquer esforço vulgar humano.

O meu primeiro raid jornalístico data de 23 de Agosto d'esse lamentavel ano de hecatombe. Num automovel cedido pelo Ministerio da Guerra de França a Eduardo Helsey, enviado especial do *Journal* (que ainda não se vendera ao então incorruptivel Bolo Pachá), saímos de Paris, ao lado daquêl escritor, eu e Gerard Harry, este ultimo viajando a serviço particular do *Figaro*. Seria tentativa puramente infantil aqui descrever o que eram os nossos trajes de campanha — dolman verde garrafa, gorro cinza-claro, sacólas com viveres para cinco dias — além das onipotentes pistolas Mausers usadas a tiro, para fins que forcejavamos por ignorar. A nossa providencia faria sorrir de gozo aos *poilus* que, mais tarde, nos barrancos do Aisne, combateriam com lama pelos joelhos e dormiriam em trincheiras nauseabundas, famintos, entre montões de cadaveres insepultos.

Transposto o campo entrincheirado de Paris, em marcha célere o nosso automovel tomou a direção de léste, vencendo, galhardo, os incidentes numerosos dos caminhos, evitando as carroças de feno tombadas, as arvores derruidas propositadamente, os buracos, os

destroços das obras abandonadas ao primeiro grito de invasão.

As longas alturas para apresentação de documentos-passes aos gendarmes departamentais roubavam-nos, cada vez, de quinze a vinte minutos. Incidente desagradavel em Château Thierry, onde um bombeiro houve por mal nos dar um tiro de espingarda sobre o veiculo. Em Châlons-Sur-Marne, outra demora mais enervante ainda, para a passagem de um interminavel comboio de abastecimento. E, atrás desse comboio, o 75º regimento territorial, e os seus homens que se dessedentavam. Era por um tórrido calor de Agosto, ainda mais causticante e seco que o

Poincaré, nas arribas romanescas do riacho Ornain. Depois de Bar-le-Duc, Toul, campo de concentração de cerca de cento e cinquenta mil homens.

A medida que nos aproximavamos de Nancy, as estradas iam tomando um singular aspéto. Alinhados simetricamente, seiscientos autobus de carnes frias, batatas, chocolates, conservas, ostentavam as tabolêtas *Madeleine-Bastille*, *Square Montholon-Faubourg Saint Jacques* e quejandas. Essa visão da cidade luminosa, — Lutetia, cidade de lama — encheu-nos o coração de uma vaga, uma dolorosa melancolia, só dissipada ao chegarmos á antiga capital lorena.

Construida sem capricho architetónico, num vale ás margens verdejantes do Meurthe, Nancy appareceu-nos, ao sol importuno, digna e orgulhosa criação de Gerardo d'Alsacia, primeiro duque de Lorena, principe faustoso e fanatico de Oderic. Dum lado o fugitivo canal do Marne ao Rheno; do outro as largas estradas infinitas por onde circulavam os trens internacionais. E em volta, os prados de um verdór incrível, as cadeias de colinas do oriente e do ocidente, as estradas por onde transitavam levas de prisioneiros, colunas e mais colunas de soldados em marcha, filas interminaveis de comboios de abastecimento.

Estavamos finalmente dentro de Nancy, na Praça Stanislas, onde ficara instalada a séde do governo militar da região. Um malôgro, para nós, o contato com as autoridades do estado maior. Queriamos um passeio á frente de batalha alsaciana, a Mulhouse reconquistada quasi que sem combate. Impossivel tal favor numa hora em que os aliados se batiam numa linha sinuosa que tinha o seu inicio ás proximidades de Bâle, na frontei-

PAGINAS DE GUERRA

do Rio de Janeiro. Os habitantes da região surgiam de todos os lados, aceleradamente, trazendo marmitas de sôpas, de café e leite, cestas de frutas e de ovos fervidos, garrafas de cidra, de vinhos e de cerveja.

Novamente a caminho, penetrámos na provincia do Mosa, indo descansar, por algumas horas, em Bar-le-Duc, a terra do senhor





Recanto de Suburbio (Desenho de Guinard)

ra suíça, e se estendia, alterável, conforme soprasse o vento da vitória, até aos campos e às colinas do Limburgo belga.

A nossa primeira noite de Nancy nós a passámos na galeria do Cierge, no *Palais Ducal*, onde ainda se vêem magníficas tapeçarias dos tempos de Carlos, o Temerário.

Sómente depois de muitos dias obtivemos do general Pau, herói mutilado de 1870 e comandante do sector de Nancy, um passe que nos permitisse a ida problemática a regiões situadas ao norte e a nordeste do país. A nossa demora em Nancy tivera uma causa em verdade importantíssima. Uma divisão do 15º corpo de exército, composta de contingentes de Antibes, Toulon, Marseille e Aix-les-bains batera em retirada diante de forte pressão alemã e daí redundara a perda de Lunéville.

Mas o essencial, para nós, era rolar sobre quatro rodas de automovel, colhendo aqui e acolá tudo que nos parecesse interessante ou merecedor de publicidade. Que poderíamos contar, entretanto, se as nossas notícias, as nossas correspondências, partiam retalhadas, reduzidas à expressão mais simples pela censura de Paris?

Nossa primeira etapa: Nancy-Toul-Verdun. *Piou piou* pelos caminhos, coloniais, atiradores senegaleses, zuavos marroquinos e algerianos. A guerra ainda parecia, para todo o mundo, uma carnificina de três meses, no máximo, debaixo do céu glorioso de Agosto, Setembro e Outubro.

Segunda etapa: Verdun-Mezières. Formidável concentração de forças de reserva em Sedan e Rocroy. Depois de atravessarmos a fronteira belga, fronteira que daí a dias desapareceria sob as patas do cavalo de Atila e só seria restabelecida, como por milagre, cinco anos depois, alcançamos Philippeville.

O ruído da metralha chegava-nos aos ouvidos, sem notas dissonantes, apenas como um furar de tambor em surdina. E a bata-

THEO FILHO

(ILUSTRAÇÃO DE EHLEBT)

lha desenrolava-se em duas faces de um triângulo que tinha como vertice a fortaleza de Namur, um dos lados a linha do Sambre a Charleroi e, de Charleroi, pelo riacho Centre, até Mons e o outro lado a que se dirigia para Givet, através Dinant. A base do triângulo vinha a ser um traço irregular que passava por Givet, Philippeville, Maubeuge, e Mons.

Depois da geografia, a história: e a história já está farta de saber o que foi essa batalha de 800 mil franceses e belgas contra perto de um milhão e meio de alemães e que só terminou, em Setembro, nas margens do Marne.

Oitocentos mil aliados contra um milhão e quinhentos mil alemães... Em Rocroy, Condé opunha vinte e dois mil franceses a vinte e seis mil espanhóis. Em Fontenoy os franceses eram cinquenta e cinco mil contra igual número de inimigos. Em Marengo vinte e cinco mil soldados de Napoleão bateram quarenta mil austríacos. Em Austerlitz oitenta mil franceses desbarataram oitenta mil austro-russos. Em Leipzig eram cento e cinquenta mil os franceses e trezentos mil os coligados; em Solferino cento e cinquenta mil homens de cada lado. Em Sadowa duzentos mil austríacos lutaram

contra duzentos e cinquenta mil prussianos. Em 1870, para quatrocentos e cinquenta mil alemães os franceses dispuseram de trezentos mil soldados. E veio Mukden, com quatrocentos ou quinhentos mil russos e japoneses. E Lule-Bourgas, e Tchornil com quasi oitocentos mil turcos e bulgaros.

No início da conflagração de 1914 um milhão de combatentes de cada lado causava assombro aos povos deshabitados às longas carnificinas humanas. No entanto, depois de 1914 veio 1915 e em seguida, 1916, 1917 e 1918.

E em 1918 viu-se esse fenómeno verdadeiramente assombroso: a Europa, erçada de baionetas, ter em pé de guerra, aproximadamente, trinta milhões de soldados...

6 de Setembro de 1914 — um domingo, lembra-me nitidamente — primeiro dia e primeiro domingo que passaram os parisienses sem o Governo da República, fugido para Bordeaux, à aproximação da coluna de von Kluck. Boatos: uhlanos à porta Maillot, pavoroso incendio da floresta de Compiègne...

Um almoço preparado para o kaiser no *Ritz-Hotel*...

Onde não ha o medo da morte, disse d'Aubry, a morte perde todos os seus direitos. E como os fugiões de Paris eram aquelles que tinham o medo da morte, Paris demonstrava, nessas horas de perigo, uma calma prodigiosa, e mesmo, elegantemente, uma tragica poesia.

O som piedoso dos sinos, eis a novidade sensacional desse começo de mês de Setembro. Ha quantos séculos não se ouvia a voz dos sinos! E ha quanto tempo não se ia á missa!

As igrejas regorgitavam de gente, e, depois, os seus fieis pintalgavam as campinas de Boulogne e de Vincennes.

Então, os bosques, as grutas artificiais e os lagos campezinos escutaram patrióticas canções e melopéas inspiradas nas jornadas de Agosto e na *Chanson des rues et des bois*, que Hugo escrevera para evocar os dias intranquillos de 1792. Sob um céu claro e um sol indulgente, invadia a multidão os relvados de Longchamp, onde o governo concentrara para cima de 20.000 cabeças de gado. Trabalha-se um pouco mais ao longe, em (Termina no fim do número).

Carta a MADAME Senhora:

NÃO é pela graça curiosa do teu eu, nem pelo encanto ingenuo de tuas indiscreções deliciosas que te venho falar.

É unicamente pela tua alma profundamente feminina, essencialmente irmã da minha, que ouzo urdir entre nós uma camaradagem simples que proporcione a nós ambas momentos de comunicação espiritual.

Deixa, pois, que te diga: és muito amiga das mulheres, e as que não sabem enxergar em ti tantas qualidades superiores, as que te olham de longe, desdenhando a tua elegância superior de beleza — decerto não são mulheres de espírito.

Eu apesar de não me arrogar de o ser, e viver a gosto na cómoda penumbra que envolve os meus dias, gosto não sei por que, gosto de ti como uma irmã, querida. Pois és tu a mais mulher de todas as mulheres. E trazes no teu todo de inventadora de novidades este anseio inquieto que todas nós temos, de beleza, de imprevisto, de emoção.

E tua beleza não cansa por que não és parada. É um encanto todo especial de mudanças efêmeras, de pequeninos nada que às vezes valem tudo...

E — mais do que isso — tu tens capacidade para satisfazer a maior ansia de beleza que se possa ter no pensamento.



SENHORA ROBERTO VICENTE RUPTO

da mais alta sociedade mexicana. — Pose especial para "Para todos..."
por Lansing Brown

Toda mulher guarda no céu interior de sua vida instantes mais ou menos nublados, onde aparecem nuvens cinzentas enovelando o ambiente que devia ser claro...

Pois tu és prodigiosa nesses instantes. Sorris garridamente, e o teu sorriso de cor, de som e de perfume inebria e entontece.

Tu dominas e nunca hás de ser dominada. E todas as mulheres hão de te prestar culto, senhora, mesmo com estas tuas irreverências de moderna, mesmo com estes absurdos alaridos de imprevisto, com este teu todo fragil, meudo, gracioso, infantil, de rendas, tules, flôres, plumas, sedas e fitas, toda risonha, com estas tuas modernices atuais, com a dissonância diabolica de teus foxs, com a esquisitice de teus perfumes novos, na tua maneira de olhar a vida com estes teus lábios a baton, e as caudas deliciosamente longas de teus vestidos de soirées, és bem feminina na tua inconstância fragil... Rainha que dominas és tu: A MODA.

Casa- mentos

Em baixo:

os noivos, padrinhos, pa-
rentes e amigos no dia
do enlace Olga Salles —
Mario Rosa de Lima.



Olga Salles
com Mario
Rosa de Lima.
(Minas Gerais)

Jandyrá
Bogado
com
Ray Gomes
de Almeida
(Rio)

Jandyrá Araújo
com
Lauro Baptista
(Niterói)





CENTRO CEARENSE

Conferência de Gustavo Barroso



CENTRO FEMININO

Directoria reunida na sede social



FACULDADE FLUMINENSE DE MEDICINA

No dia da posse do Directorio Academico. No grupo de cima, entre os estudantes, está o Dr. Manoel Ferreira, director da Faculdade. Em baixo, a sala durante a cerimonia da posse do D. A. F. F. M.



ANIVERSARIO

O Dr. Pio Borges entre amigos no dia da sua festa de aniversario.



BODAS DE OURO

O casal Oswaldo Xavier com os seus descendentes no dia das Bodas de Ouro.



AGUAS DA MINHA TERRA ALTAMIR DE MOURA

As aguas da minha terra
têm a força do Genio
e a beleza virgem da Arte!

Aguas que cantam e sussurram
o segrêdo das matas e das serras;
aguas que têm um cheiro de cipó
e carregam as vozes das cavernas
que ainda estampam nos reoncavos
misteriosos

os corpos geometricos do Passado;
aguas que gritam pelo Progresso
como as de Iguassú;
aguas que apunhalam o mar
e rasgam a terra
como as do Amazonas;
aguas que vivem nas sombras
e têm formas de cabeleiras crêspas;
aguas que passam sob o Sol
e se agitam como os cérebros;
aguas que escurecem
como o crepusculo da Vida;
aguas que enrubecem
como a face das donzelas;
aguas que enverdecem
como a esperança do Amor;
aguas que se cristalizam
como o espirito que alcança a Perfeição!

As aguas da minha terra
parecem a seiva do pensamento
que brinca dentro de mim!



de Elegância



jada dos últimos tempos". E foi um prazer ouvir música vienense, e enredo, na tela do Palace Théâtre, e continuar a ouvi-la por todos os radios do centro e dos arrabaldes, e todas as vitrolas dos arrabaldes e do centro. Depois tivemos as belas roupas da Norma Shearer, numa fita mundana e moderna, rivalizando com os "dessous" e as "toilettes" de Joan Crawford, em "Noivas Ingenuas".

Cregou, por fim, a Marlene Dietrich, rival da Greta Garbo que ali vem em "Inspiração". Ambas interessantes, a Marlene talvez mais bonita, a outra talvez mais sedutora. Com

nistro Collor vai aos teatros; o Interventor Bergamini ouviu o "O Guarany", no João Caetano. O Sr. Francisco de Campos, da Educação, na platéia de um teatro de comédias. Mauricio de Lacerda toma, á tarde, um aperitivo no Belas Artes, sempre muito rodeado; Alcor Praia é visto, também á tarde, na cidade, parando á cada momento para pequenas palestras. Oswaldo Aranha passa, de quando em vez, pelos pontos mais animados. E ninguém deixa de dar uma vista dolhos para o gaúcho e o seu inseparavel cigarro.

As moças desta terra tão bem aquinhoadas pela natureza lucram com os dias de sol e temperatura doce. Vestem, como a parisiense, trajes apropriados, preferindo o esportivo, e, mui principalmente, as côres claras, maxime o branco que procuram "quebrar" com um chapéu, luvas e sapatos pretos, com um chapéu, luvas e sapatos pretos, "bolero" verde, com uma "pelerine" amarela forrada de preto, com um "manteau" á três quartos e da côr de morango maduro.

Os vestidos como os casacos genero esporte são os que mais rejuvenes-



UTONO? Inverno? Primavera?

— As três estações misturadas para uma

que é esplendida de temperatura e de beleza. Manhãs quasi frias e sol brilhante. O sol que doura também as tardes e depois se esconde para que as estrelas voltem a se espalhar pelo céu, luzindo como lamparinas, e a lua venha, por sua vez, ora grande, clareando tudo, ora de meio termo e ora como um traço concavo — a lua do amor, segundo uma lenda turca.

Peda manhã, á tarde, á noite, as praias do Rio de Janeiro sempre frequentadas. Está na moda praticar esportes, nadar ou fingir que o sabe, tomar banhos de sol, exhibir "maillots" e pijamas segundo os últimos figurinos, curtos os primeiros — á revelia da policia — e transparentes os segundos — coisa que a policia não liga...

Apesar dos pesares vamos tendo uma "season" um tanto movimentada. Os cinemas deram-nos fitas "1931", cada qual com maior reclamo, cada qual a "mais assombrosa e arro-

isso não se tem impressão de crise. Com isso e com a frequencia aos teatros. Funções líricas, revista, comedia. O povo da velha republica não aparece muito. O da nova, em compensação, é visto a recrear o espirito.

Espiando Marlene, em "Marrocos", o ministro José Americo, que escreveu a "A Bagaceira", coisa tão boa que a gente se penaliza de ver a politica absorver o primoroso escritor. O mi-





cem. Entre, porém, um traje esporte para de manhã e um para de tarde, a diferença vai grande. À tarde vestimos vestidos de corte simples, mas de pano diferente dos de manhã. Se quisermos frequentar chás e aperitivos com roupa esporte é preciso dar-lhes um cunho mais "toilette", mais cidade. Assim, menos praia, menos displicência, o que é gracioso, mas em desacordo numa sala de chá da Gonçalves Dias ou numa sessão elegante de cinema no bairro dos arranha-céus.

Estamos, entretanto, simplificando as roupas, embora as guarnecemos de cortes e recortes, de enbuidos e de pospontos que dão trabalho. A aparência é que é da maior singeleza, apesar dos tecidos de luxo.

Os vestidos sempre acompanhados de casaco ou os de gênero "tailleur" — em que Perrotta é habilíssimo — concederão à blusa lugar de grande relevância na costura moderna. São blusas expressamente fe-

mininas substituindo os coletes masculinos que nos acompanhavam os costumes há três anos atrás. Aqui temos duas da lavra de Maggy Rouff: uma, de organdi guarnecida de "jabot" pregueado e renda valenciana; a outra, também branca, de musselina bordada à linha de algodão natural. A blusa branca e "pois" azul de louça é de Jane Blanchot; e a outra jun-



to, aliás vestido, de Goupy e de "crêpe" de seda marfim.

Contam que a estampa está cedendo lugar aos bordados abertos, no gênero inglês, aos tules, às "laizes". Mas ainda vemos figurinos elegan-



prontos ou sob medida para homens e senhoras.

Movéis bonitos e facilidade no pagamento: de Albino Barros & C.

Meias "Sally" — na Casa Machado — Gonçalves Dias.

Nota: "Mado" — a "bolte" de chapéus femininos, junto ao Cinema Capitólio, funciona até 10 da noite.

SORCIÈRE

tampado; pijama de "jersey" branco enfeitado de "jersey" vermelho, na blusa; vestido pijama de "sinellic" rosa pastel; vestido pijama de "shantung" natural; pijama de tussor azul, blusa interna de "piqué" branco, colar de bolas de seda escarlata e chapéu de palha azul com "bandeau" escarlata; "bonichon" de fita listrada com bainhas abertas no ponto de Veneza e em "cordonnet"; "coiffant" também de fita listrada; grande capeline de organdi branco, pregueado; e duas capelines de organdi estampado e cercadura de fita de veludo preto.

Ernesta von Weber deu, agora, mais um livro — "Bergamini". A escritora, bonita e elegante, com uma nota um tanto bizarra que lhe vai à maravilha, traçou, desta vez, a biografia de Adolfo Bergamini, contando, com a graça que lhe é peculiar e a vivacidade que a distingue, episódios interessantes da vida do conhecido político carioca. Já em "Figuras da Revolução", vindo a público há pouco mais de um mês e com edição esgotada, Ernesta Weber es-

creveu ligeiras impressões sobre os homens do momento. O livro de hoje é em torno de uma só figura. E a autora do "O Brasil que eu vi" está, mais uma vez, de parabéns.

A "Casa Judith" — rua do Catete, 212 — tel. 5-3211 — executa, muito em conta, sapatos de todos os feitios em material excelente, copiando figurinos. Calçados



tíssimos, de tecido estampado e em seda vegetal, estas aliás na moda e solução em tempos de pouco numerário, porquanto há seda vegetal ótima mesmo aqui fabricada, e colorida por "Indanthren" — colorido que resiste às lavagens e à ação do tempo.

Os modelos em estampa são de Augustabernard, Regny e Irène Dana, respectivamente.

Os outros figurinos: pijama de orala, de tussor unido e tussor es-

De tudo um pouco



NOTA CINEMATICA

Marlene Dietrich é, atualmente, a artista de cinema que atrai todas as curiosidades. Na Europa e nas Américas toda a imprensa tem falado na bela artista alemã, julgando-na um mistério, esquisita "diferente", e outros descobrem que, fora da câmera de trabalho ela é simples, um tanto retraída, inimiga de festas e de reuniões, porquanto não sabe levar um só minuto, como algumas passam horas a fio, a discutir a graça de um bracelete, o penteado moderno, o "rouge" da moda, o sapato mais fino. O seu camarim é quase tosco, na sua extrema simplicidade, e, quando tem algo a reclamar o faz com a mais absoluta afabilidade, principalmente quando trata com inferiores. Marlene foi excelente pianista, e é assídua frequentadora de cinemas onde aprecia, com entusiasmo, a beleza e a arte dos seus colegas. Trabalha arduamente, é corajosa como todas as pessoas reservadas, e não deixa para amanhã, embora docente, o que o rifão popular recomenda que se faça hoje...



ALMOFADA

A dorno indispensável às casas modernas, mobiliadas pelo gosto atual, ou pela gente de hoje, e ao gosto antigo. As almofadas de seda ou de algodão, de "reps" ou de linho são, quando armadas com arte, embora simples, encantadoras. A que aqui se vê é de forma oval, Om. 68 x Om. 41, e tanto pode ser executada em "lingerie" como em seda. Os pontos em cruz do fundo, devem ser combinados em linha de duas cores, uma delas ficando muito bonita em preto. O dragão contornado de "feson", ainda em cor diferente das outras duas. Conforme a escolha da matéria de que será feita a almofada é o destino dela.

O PESO

Tendo o regime para emagrecer agradado aos leitores desta página, e que serve para aumentar o peso dos que o perderam em excesso, obterá, naturalmente, a mesma aceitação. Aliás, quem aquele recebeu e o novo vai descrever é dos mais acatados cientistas dos

Estados Unidos. As considerações sobre o regime são tão interessantes como as que aqui figuraram para a diminuição de banhas.

Dizem McCollum e Simmonds no livro "Alimentação e Saúde" — tradução do Dr. Arnaldo de Moraes:

"Muitos médicos têm comentado o fato de que poucas são as pessoas magras, anêmicas, e acusando peso abaixo do normal, por eles examinadas em suas clínicas, que apresentam algum defeito orgânico. Há uma multidão dessa classe de 'docentes' que não fazem outra coisa senão consultar médicos especialistas à cata de um que lhes diga qual a causa de se não sentirem bem. Por que existirão tantas pessoas de formas delicadas, corpo magro, afiladas, cheias de depressões na pele e como os ossos salientes? Por que muitas delas se afastam tanto do tipo ideal da personalidade? Os caricaturistas, para representarem um avarento, um reformador, um neurastênico ou um pessimista, desenhavam uma criatura magra com um nariz alongado e pontudo e um rosto de expressão dura. O neurastênico e o pessimista, em muitos casos, se são o que são é porque seu metabolismo perdeu o equilíbrio".



Logo em seguida ele comenta: "Nervos — As mulheres e os homens com peso abaixo do normal, tornam-se frequentemente escravos de 'nervos' transtornados. Enquanto uns procuram culpar os nervos como causadores dos males dessas pessoas, outros inclinam-se a aceitar que, se os 'nervos' estão transtornados, é porque algo mais fundamental está desarranjado. Essa classe de gente é a que se mantém sempre irrequieta, em atividade constante e se mostra excessivamente escrupulosa, e que geralmente trabalha além de sua capacidade, pois sua força é tão limitada. Aborrecem-se com todas as questões e antecipam maus augúrios para o que está para acontecer. Estão sempre temerosos pela saúde, imaginam o fracasso de seus negócios, assustam-se com o que possa suceder aos amigos e à família. A maioria sofre de perturbações digestivas, tem receio de comer certos alimentos. Os médicos que tomam a seu cuidado tal classe de pacientes muitas vezes conseguem vencer essa dificuldade unicamente insinuando-lhes que não há tal perigo, e, uma vez ingerido o alimento, logo se convencem de que estavam equivocados".

Paremos, porém, por hoje, aí. Na próxima vez — o que é necessário fazer para aumentar o peso — Peso-gordura, leitores e leitoras. Para homens que precisarem de melhoria de forças pela alimentação, e moças que careçam de gordura para boa saúde, ou apreciem a nova moda: trocar a silhueta canção pela suavemente arredondada.



LIVROS NOVOS

"Na minha rua, a bondade brasileira se mostra sob tantos aspectos que a minha janela parece, às vezes aberta sobre a fantasia de um sonho.

Oh! é nas ruas humildes, nas ruas que os cronistas mundanos esquecem de pôr no seu carnet que os estrangeiros aprofundam a indole dos povos...

Formada em medicina, embora não tenha revalidado o meu diploma, muitas vezes pessoas humildes vinham à minha casa em busca de lenitivos.

O nome de doutor é, nos bairros simples, alguma coisa de oracular e de protetor.

Nem sempre os males físicos transformam a casa do médico na Meca dos sofredores. Qualquer embaraço de ordem doméstica arrasta-os à nossa casa. Colegas meus se incumbiam graciosamente de medicar os que me procuravam. Para os males morais, eu me valia dos homens de prestígio do distrito.



Eu me enraizei ao Brasil no pedaço do Brasil em que moro.

Em pouco tempo toda a irrequietude do meu espírito, uma espécie de navio sem âncoras, se transformou num desejo de viver as alegrias e as dores daquela boa gente.

Aí me convenci de que só os povos — e não as terras — fazem sentir o exílio.

Do livro — "Bergamini" — pela Dra. Ernesta von Weber, e no — "O porque deste livro".

SAL E PRAIA

Bom tempo e proximidades do mar. A moda indica os dois modelos que ilustram este comentário: o primeiro é de "piqué" branco, pala e cinto de seda rosa, grande chapéu de organdi, saco de "shantung" branco e "pois" de veludo rosa, franja e parte de baixo de seda preta, alça de galalite preta e fecho de pedra rosa; o outro é de crepe de seda vegetal e cinto de verniz preto. — Ambos para o "grand air", portanto mais fáceis de desbotar, o que não se dará se forem feitos em pano etiquetado pelo corante Indanthren. —



FUTILIDADES

Dois vestidos que aqui figuram, e foram admirabilíssimos no pavilhão da "Métropole", na "Exposition Coloniale": organdi azul pastel guardado de entremeios de tule pastel e fios de prata. O chapéu "incliné en avant" é contornado por uma grinalda de flores rosa e azul pastel e, de flores de cristal rosa e azul, o colar e a bolsa-bouquet. O segundo vestido é de "taffetas" rosa, saia com enfeites de franzidos do mesmo pano e casaco de veludo preto com mangas de "renard".

PARA TODOS...



Claudio e Rosa Maria, filhos do Coronel João Alberto

Mundo Novo



Laura,
filha
do senhor Aurelio Bandini



Nelly,
filha
do
Doutor
Quartini
Barbosa

Paulo,
filho
do
Doutor
Manuel
Stephan

FOTOS PARAMOUNT -- S. PAULO



Em cima: o Interventor Federal na Baía, Dr. Arthur Neiva, e Prefeito Pimenta da Cunha em visita ao Corpo de Bombeiros. Em baixo: alunas da Escola Normal junto ao monumento de 2 de Julho.

No meio: a torre do Corpo de Bombeiros.

Em cima: recepção no Consulado Americano, no dia da Independência. Em baixo: autoridades e famílias assistindo ao fogo de artifício queimado no antigo Forte de S. Marcello.



Instituto
S. Francisco de Salles

Aspétos da procissão de Nossa Senhora Auxiliadora.

PARA TODOS...



MIDVIEIL DE ESTYLO DECORAÇÕES E TAPEÇARIAS FINAS

Luxo - Elegancia - Conforto

CASA BELLA AURORA

Rua do Catete - 78-80 e 108

A maior e melhor casa desta capital
Fabrica propria a Rua São Christovão nº 43



Missa em ação de graças, na matriz da Glória, pela passagem das bodas de ouro do ilustre casal Dr. Lopo de Albuquerque Diniz — D. Alda Portugal de Albuquerque Diniz.

Paginas de guerra (F I M)

Ranelagh, na Mueite, nas portas Dauphine e Maillot, em solidas linhas duplas de entrincheiramentos que deveriam resistir ao impeto do atacante, caso tombassem os baluartes dos fortes exteriores.

E aqui e ali, nos grupos militares e nos grupos femininos, o estribilho de todos os labios era um canto dispendente de heroismo, de fatalidade e de espirito militar, a resposta da França aos hunos demolidores e arrogantes que começavam a sangrá-la por todas as velas:

En avant! Tant pis pour qui tombe!
La mort n'est rien. Vive la tombe,
Quand le pays en sort vivant!
En avant!

DENTE escuro, desviado, abalado, piorrhéa, fistula, geng. sangrenta, cura certa; exame gratis. T. 2-0360, 7 de Setembro, 24, 3º Dr. R. Silva

O emprego da JUVENUDE ALEXANDRE é o mais completo signal de bom gosto e de prudencia. O seu emprego dá vida nova aos cabellos, pois é o tónico mais perfeito e faz remoeçar. Preço de um vidro 4\$000 e pelo Correio 6\$400. Depositarios: Casa Alexandre — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.



Pó de Arrôz ORYGAM-DE GALLY

O UNICO PÓ DE ARRÔS DE LUXO
QUE AINDA SE VENDE A 6\$000



Milagres, jejuns, comidas e proezas de outrora

(Sonclusão do número anterior)

sezinha desse bairrismo de que o meu confrade Mario Melo fala mal, mas que a gente, queira ou não queira, possui cá dentro e espirra nos momentos azados... O salto da morte encheu um domingo todo, enchendo a alma pernambucana.

Surdira por esta terra hospitaleira, confiante e ingenua, um tal sr. Prescott, de nacionalidade francesa, anunciando um pulo de bicicleta, sensacional, e, na verdade, perigosíssimo. Tratava-se de descer em carreira por uma prancha, a alguns metros de altura, dar uma re-

viravolta nos ares, e alcançar outra taboa, ambas estreitas, proseguindo na carreira até o chão. Prescott fez lá o



Antes e depois das refeições

Para despertar o apetite e activar a digestão.

seu bonito e ganhou dinheiro, inchando o peito de orgulho e as algibeiras de cédulas.

Empavonado, passeava pelo prado pernambucano, onde dera o seu salto, quando lhe rompe de frente um distinto moço pernambucano — Joveniano de Melo — afeto aos esportes, perito no ciclismo, prometendo imitá-lo.

O francês dá uma risadinha pariaense na cara daquele rapaz brasileiro.

Dr. Olney J. Passos

OPERAÇÕES — PARTOS

Molestias de senhoras — Diatermia — Ultra Violeta — Diatermo-coagulação. Das 3 em diante.

Rua S. José, 19. — Tels.: 3-0702.
Res. 8-5018.

ro, do "lá bas", e, como índice seguro de dúvida, de pouco caso, oferece um conto de réis a Joviniano se ele conseguir fazer a proeza de que ele se julgava com privilegio made in France. Marca-se a cousa para o outro domingo.

Os jornais noticiam.

Nossa Senhora! Avallem, vocês que enchem hoje os estádios de futebol, o foi aquele domingo no Prado! Nem um cantinho nas arquibancadas; cá

OLYMPIO MATHEUS

ADVOGADO

RUA DO ROSARIO, 85 - 1º and.

TELEFONE: 3-1224

em baixo povo assim! Pelos altios em redor gente trepada nos telhados, nas árvores, nos muros. O pernambucano ia se pegar com o francês. Bastava. Que se pegasse o baiano, com o carioca, com o paraense, era o pernambucano. E estariam lá todos, torcendo, torcendo. Bemdito bairrismo!

Joveniano Melo nem parecia. Calmo, disposto, conversador. Dos assistentes muitos receavam pela sua sorte; houve quem o aconselhasse a desistir... Sorria, balançando negativamente com a cabeça. Vestira a sua camiseta e os seus calções de ciclista, trouxera a sua bicicleta. A multidão



PARA TODOS...

ao vê-lo no alto da prancha, enudeceu. Os corações batiam sem freio. A música parou de tocar.

Dispôs a máquina, examinou-lhe as rodas, segurou o guidão, montou. E desceu, desceu... Ia ganhando velocidade pelo declive da prancha. Lá estava o término do caminho, o abismo... Precipitou-se, deu o salto, galgou a outra prancha, firme, equilibrado, sereno, continuou a descida.

Já ouviram uma trovoadas no sertão? Das violentas, das boas? Pois o Prado Pernambucano parecia uma dessas trovoadas.

Ninguém se dominava: berros, palmas, risos, exclamações, abraços, lágrimas, até beijos supunho ter havido.

Joveniano teve mais medo do delírio conterrâneo do que do salto da morte.

Moda e Bordado

NÚMERO DE AGOSTO À VENDA

Mas sorria para todos, como se quisesse com todos partilhar seu triunfo.

De repente um grito de alarma:

— Minha gente, lá vai o francês fugindo!

— Pega ele!

— Pega!

E o povo encheu atrás do fugião.

Prescott, ao ver a vitória do pernambucano, quisera arribar com o dinheiro. Coitadinho dele! Não fosse a intervenção do Dr. José dos Anjos, delegado do 1º distrito, autoridade estimada (não ha de que, meu caro) e o francês teria conhecido o gosto das taboas da terra. Chamaram-no à fala quanto aos "cobres". Isso era o peor... Engrolou uns "pardon, mes-

sieurs...", coçou-se, careteou, resmungou, remexeu os bolsos. E toca a tirar de lá cedulas miúdas, pratas daquelas de verdade que corriam na

época, niquels... Deu trabalho a contagem... Arranjou-se um total de 800\$000.

— E o resto?

— Demain matin, n'est ce pas? Pardon, pardon messieurs.

Com a promessa de pagar o restante no outro dia, bem cedo, o Prescott viu-se livre, certamente praguejando, baixinho:

— Des sauvages... des sauvages...

Uma passanta levou Joveniano Melo até sua casa.

E, no outro dia, ele distribuía o dinheiro com os pobres.

MARIO SETTE

Sabonete DORLY

PREÇO POR PREÇO
É O MELHOR!

À VENDA EM
TODO O BRASIL



Mire-se ao espelho e verá



que sua cutis está mais macia, lisa e bem conservada, graças ao SABÃO RUSSO, o grande protector da pelle.

Em pasta, em liquido e em pó para a barba.

Grafologia

AVISO

Temos inutilizado inúmeras cartas, umas escritas em papel pautado, outras não assinadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assinados em papel liso. O pseudônimo só é permitido para respostas.

MARIA CARLINA (BAIA) — Amabilidade, franqueza, generosidade, delicadeza e sobretudo emotividade é o que revela a sua grafia logo ao primeiro exame do grafologo. Outros detalhes interessantes, no entanto, revelam determinados cortes e separação de letras. Assim é que a consulente retrata-se uma verdadeira doente do afeto, capaz de todos os martírios para conservar junto de si o objeto de suas preferencias afetivas. Leal por indole, o modo de grafar o S dá-lhe extrema revelação do que é, em muito clara exposição — uma bondade, servida por um egoismo muito desculpavel porque só aparece em se tratando do objeto de suas afeições. A maneira de grafar as iniciais denota orgulho mas em tão pequena dose que se confunde com a sensibilidade propria das pessoas como a consulente. Mas o ardil não lhe falta e, graças a ele, consegue tudo o que quer.

YVONETE (S. Paulo) — Devia ter dito a pessoa que deseja o estudo grafologico que escrevesse em papel sem pauta. Peça-lhe novamente que escreva qualquer coisa em papel assim e envie que será logo atendida.

VIOLETA (Dores da Boa Esperança — Minas) — Espirito de iniciativa, alegria de viver, esperança, como o iogar de onde mandou sua carta, ambição, entusiasmo. Junto a tudo isso bondade, alma generosa, franca, decidida, com um pouco de teimosia e terá seu caráter retratado.

MULHER DE TRANSIÇÃO (Rio) — Não tem razão de estar triste, pois não confessa que recebeu pelo "Para todos...", resposta a sua consulta? Quer mais detalhes? Como sabe, a falta de espaço não permite estudos minuciosos, e o numero sempre crescente de consulentes me obriga a ser sintético nas respostas. Mande dizer o que deseja e terei muito prazer em servi-la no que puder.

UM NOVO LIVRO

"BERGAMINI"

pela

Drs. Ernesto Weber

EM TODAS AS LIVRARIAS



Para ter bellos modos, é preciso andar na moda e, para andar na moda, é preciso ler

a revista mensal MODA E BORDADO

que contém

MODAS: mais de 120 modelos parisienses de facil execução, artisticamente impressos em cores, um risco cortado, chronicas sobre as ultimas novidades.

BORDADOS: á mão e á machina com desenhos em tamanho de execução

ARTE CULINARIA: receitas de pratos deliciosos com as illustrações.

CONSELHOS: sobre beleza esthetica e elegancia. Pedidos do interior ao Gerente de MODA E BORDADO — Caixa Postal 880 — Rua da Quitanda, 7 — Rio, acompanhados de Rs. 3\$000. Preços das assinaturas: Semestre, 16\$000; Anno, 30\$000.

EU (Joinville — Sta. Catharina) — Sua letra em linhas descendentes bem denota a preocupação do seu espirito. Mostra alguma energia, força de vontade e individualidade bem definida, principalmente pelo modo de sublinhar seu nome de familia.

Poderá vencer em negocios porque é economico e metucioso no cumprimento dos seus deveres. Quanto ao fato de mudar de estado, refleta bem antes e só o faça quando conquistar uma segura situação financeira.

A secção de cartomancia para a qual mandou uma consulta, está temporariamente suspensa, conforme me informou o encarregado da mesma.

MELCHIZEDEK II (Rio) — Tenha a bondade de escrever em papel sem pauta e á tinta. A lapis e sobre papel pautado não pode ser feito um estudo consciencioso da sua grafia.

PRINCEZA DOS DOLLARES (E. Santo) — Ainda estou tambem a espera de que acabe o recebimento do estudo grafologico que mandou pedir. Quer que faça "outro"? É sinal, então, de que recebeu o primeiro e o achou deficiente, não? Leia o que digo antes á "Mulher de transição" sobre nossa falta de espaço e grande numero de consulentes.

FLOR DO ORIENTE (Porto Alegre) — Caráter ainda em formação, vê-se pela sua grafia indecisa, em que ha, entretanto, alguns indícios de intelligencia, bondade, gentileza, sentimento artistico e amor á natureza. Vê-se ainda um pouco de inconstancia, volubildade e incoerencia. É tambem impressionavel e nervosa.

TRISTÃO DE ISOLDA



PELLOS DO ROSTO

Cura radical (garantida) por processo novo, sem dor e sem deixar cicatriz.

Dr. Pires Rebello

(Dos hosp. de Berlim, Paris e Vienna)

Avenida Rio Branco, 104 - 1.º and.

Uma unica applicação mata para sempre a raiz do pelo.

Não confundir com electrolyse, ceras, pós ou cremes depilatorios.

GRATIS!!!

Dr. Pires Rebello — Avenida Rio Branco, 104 — 1.º — Rio.

Queira enviar-me seu livro: "A cura garantida dos pellos do rosto".

Nome:
Rua:
Cidade — Estado:

Contra factos não ha argumentos!



Atesto que o "ELIXIR de NOGUEIRA" do Pharm. Chim. João da Silva Silveira é um ottimo depurativo do sangue, que sempre emprego na minha clinica, convencido dos seus excellentes resultados.

Bahia, 7 de Janeiro de 1926.

Dr. Antonio L. de Figueiredo Seixas

Delegado de Hygiene do Municipio da Bahia.

Para a syphilis e suas terriveis consequencias só o poderoso

ELIXIR DE NOGUEIRA

do Pharm. Chim. João da Silva Silveira.

CHAPEOS PARA SENHORAS ARTIGOS PARA MODISTAS

MEIAS SALLY

NOVIDADES

Bordados
e
Ajour



Plissés
e
Botões.

45 - Rua Gonçalves Dias - 45
Tel. 2-3548 RIO DE JANEIRO

GRANDE DEPOSITO DE HARMONICAS

S/A. M. DALLAPE & FILHO
Stradella - (Italia)



Harmonicas de luxo. Grande marca universal. Ultra elegantes.

PEÇAM CATALÓGOS AO CONCESIONARIO EXCLUSIVO NO BRASIL

João Sartorello

LINHA MOGYANA (Est. de S. Paulo) SÃO JOÃO DA BOA VISTA

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" — A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

O EXPOENTE MAXIMO DOS PREÇOS MINIMOS



35\$ — Em fina pellica envernizada, preta, pellica marron, ou naco branco lavavel, salto Luiz XV, cubano alto.



35\$ — Fina pellica preta envernizada, naco branco lavavel ou pellica marron, Luiz XV, cubano alto.



30\$ — Em naco branco lavavel, pellica marron, ou pellica envernizada preta, salto mexicano.



Superior pellica envernizada preta, tipo batelão, salto baixo.

De ns. 28 a 32..... 21\$000
" " 33 a 40..... 23\$000
Em naco branco mais 4\$000.



Fortissimos sapatos tipo alpercata proprios para escolares em vaqueta preta ou avermelhada.

De ns. 18 a 26..... 8\$000
" " 27 a 32..... 9\$000
" " 33 a 40..... 11\$000



Superior alpercata de pellica envernizada preta, toda debruada, artigo garantido.

De ns. 18 a 26..... 6\$000
" " 27 a 32..... 7\$000
" " 33 a 40..... 8\$000

Porte 2\$000 sapatos, 1\$500 alpercatas em par
CATALÓGOS GRATIS

Pedidos a Julio N. de Souza & Cia., Avenida Passos, 120, Rio — Telep. 4-4424

TONICO PODEROSO

VINOVITA

VINHO DA VIDA

*Restaurador
das
forças
physicas
e mentaes*

